

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RAI NUNES DOS SANTOS

**TERRITÓRIOS EM TRANSIÇÃO: mudanças territoriais nas comunidades das Vilas
Tio Zeca e Areia frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de
Porto Alegre, RS.**

PORTO ALEGRE

2016

RAINUNES DOS SANTOS

**TERRITÓRIOS EM TRANSIÇÃO: mudanças territoriais nas comunidades das Vilas
Tio Zeca e Areia frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de
Porto Alegre, RS.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de
bacharel em Geografia.

Orientador: Doutor Álvaro Luiz Heidrich - Professor do Departamento
de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS).

PORTO ALEGRE

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

RAI NUNES DOS SANTOS

**TERRITÓRIOS EM TRANSIÇÃO: mudanças territoriais nas comunidades das Vilas
Tio Zeca e Areia frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de
Porto Alegre, RS.**

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de
bacharel em Geografia.

Aprovado em __ de _____ de 2016.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Álvaro Luiz Heidrich (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professora Doutora Cláudia Luísa Zeferino Pires
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Professor Doutor Mário Leal Lahorgue
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Santos, Rai Nunes dos

Territórios em transição: mudanças territoriais nas comunidades das vilas Tio Zeca e Areia frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de Porto Alegre, RS. . / Rai Nunes dos Santos.

- Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2016.

[71 f.] il.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso).-
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Graduação em Geografia. Instituto de Geociências.
Porto Alegre, RS - BR, 2016.

Orientador(es):Álvaro Luiz Heidrich

1. Território 2. Ponte do Guaíba 3. Vilas Tio Zeca e Areia 4. Lugar I. Título.

CDU 911

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Renata Cristina Grun

CRB 10/1113

AGRADECIMENTOS

Até chegar neste passo, muitos outros foram dados neste caminho.

Agradeço a minha família pelo apoio em todas as etapas, especialmente ao meu pai Airton e minha mãe Elisabeth. Agradeço também a minha irmã Raíssa. Agradeço a minha família de coração que está no Uruguai. Agradeço aos meus amigos, pelos momentos de alegria proporcionados ao longo de todos os anos, vocês certamente tornaram os dias mais alegres e todo o caminho mais feliz. São os amigos nos mostram quem realmente somos, e que nos motivam a seguir. Agradeço aqui todo o apoio recebido que vai do São Geraldo a Buenos Aires, fazendo escala em Montevideú. Dentro da universidade realizei novas amizades e o melhor de tudo foi ver os amigos que eram de fora, ingressar nela também. Agradeço aos meus amigos e colegas da geografia pelos debates, discussões, mates, saídas de campo e encontros pela vida. A Isabel por me ajudar a resolver a geografia.

Gostaria de agradecer ao professor Álvaro por todos estes anos de parceria, de orientação e de amizade, sem os seus ensinamentos seria impossível chegar neste momento. Aos outros professores que moldaram e me apresentaram inúmeras visões de mundo, que me ensinaram técnicas e que se tornaram amigos, o meu mais profundo agradecimento.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao Instituto de Geociências e ao Departamento de Geografia, pela disponibilização de toda a infraestrutura durante a graduação. Agradeço ao Santander pela bolsa de intercâmbio, o qual realizei na cidade de Luján, Província de Buenos Aires, Argentina. Registro aqui também agradecimentos aos colegas e professores da Universidad Nacional de Luján (UNLu). Agradecimento aos colegas do Laboratório do Espaço Social (LABES), que sempre estiveram presentes nesta trajetória. E por fim, agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o qual fui bolsista de iniciação científica em boa parte de minha trajetória.

“Um homem pode ser grande voador, mas é-lhe muito conveniente que saia bacharel, licenciado e doutor, e então, ainda que não voe, o consideram.”

José Saramago – O Memorial do Convento.

RESUMO

É a partir da importância que adquire o território na constituição da vida e da reprodução social, e por nele estar impressas as mais diversas formas de interação e de apropriação com o espaço que contribuimos com esta abordagem territorial. Este trabalho visa apresentar as mudanças territoriais nas comunidades das vilas Tio Zeca e Areia, através da construção da segunda Ponte do Guaíba, no município de Porto Alegre, RS, Brasil. Para isso, através de nossa discussão no campo teórico da geografia social, que inclui as relações sociais e espaciais, apresentamos o território e sua importância para uma comunidade. Com estas associações, compreendemos que uma comunidade pode ser desestruturada se a mesma sofrer uma transformação na sua configuração territorial, com a introdução de novos objetos, o que configura também uma mudança espacial. Dentro da nossa proposta metodológica, correlacionamos as técnicas de análise de discurso, a qual se realiza nas entrevistas narrativas com os moradores da comunidade e em um acervo de reportagens publicadas, podendo assim comparar as diferentes formas de se enunciar o lugar e território. Soma-se a isto, a apresentação do projeto da segunda Ponte do Guaíba e suas alterações no espaço, bem como o registro de diferentes configurações territoriais através das técnicas de cartografia. A possibilidade de utilizar este conjunto de técnicas, e que somadas ao trabalho de campo, articulam-se e proporcionam uma compreensão geográfica de percepção territorial.

Palavras-Chave: Território, Ponte do Guaíba, Vila Tio Zeca, Vila Areia, Lugar.

ABSTRACT

It is from the importance that acquires the territory in the constitution of the life and social reproduction, and for him to be printed the most diverse forms of ownership and interaction with the space that we have this territorial approach. This work aims to present the territorial changes in the communities of villages Tio Zeca and Areia, through the built of the second bridge of Guaíba, in the municipality of Porto Alegre, RS, Brazil. For this, we present through our discussion in the theoretical of social geography, social relations and spatial interface, and so we present the territory and its importance to a community. These associations can flatten a community crushed if it will undergo a transformation in their territorial setting, introducing new objects, which is an alteration. Within our methodological approach, correlate some techniques, such as speech analysis, carried out in interviews with residents of the community narratives, and in a collection of reports published by comparing the different ways of stating the place and territory. Added to this, the presentation of the project of the second Guaíba Bridge, as well as using the techniques of cartography, we recorded the different forms of land-use and configuration of the territory by its inhabitants. The possibility of using these techniques, which added to the field work, fit together and provide a geographical understanding of belonging and territorial, allowing so a greater perception and record of situations experienced at that place, that will be destroyed with the progress of the works, thus making the social and spatial analysis.

Key-Words: Territory, Ponte do Guaíba, Vila Tio Zeca, Vila Areia, Place.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma de Percurso Metodológico	20
Figura 2 - Propostas de trajetos para a segunda ponte do Guaíba.	26
Figura 3 - Comparação das propostas em nível de viabilidade técnica.	27
Figura 4 - Carta imagem com a proposta da nova ponte do Guaíba.....	28
Figura 5 - Traçado da nova travessia em relação as comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia.	29
Figura 6 - Mapa de localização das Vilas Tio Zeca e Areia.	30
Figura 7 - Mapa de AEIS na região das Vilas Tio Zeca e Areia.	32
Figura 8 - Mapa de referências espaciais para os moradores das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia.....	34
Figura 9 - Marcações da comunidade na oficina de cartografia realizada em 2014.....	39
Figura 10 - Cartografia de referência do espaço vivido.	40
Figura 11 - Compilado de títulos de algumas reportagens utilizadas na pesquisa.	45
Figura 12 - Nuvem de palavras gerada no software Nvivo, com as palavras mais utilizadas nas reportagens utilizadas na pesquisa	47
Figura 13 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2002.....	50
Figura 14 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2005.....	51
Figura 15 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2009.....	52
Figura 16 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2010.....	53
Figura 17 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2011.....	54
Figura 18 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2012.....	55
Figura 19 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2013.....	56
Figura 20 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2014.....	57
Figura 21 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2015.....	58
Figura 22 - Número de cadastros pintados em moradia.	59
Figura 23 - Casa de passagem do DEMHAB na Av. Frederico Mentz 857.....	61
Figura 24 - Previsão para 2017 de configuração da territorial das Vilas Tio Zeca e Areia.....	62

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	13
2.1 Revisão de Literatura	13
2.2 Registros Midiáticos	13
2.3 Trabalho de Campo.....	15
2.4 Utilização de Sistemas de Informações Geográficas	16
2.5 Sistematização de Dados.....	17
3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	21
4. A NOVA PONTE DO GUAÍBA	25
4.1 Contexto e breve histórico	25
4.2 A nova ponte.....	26
5. AS VILAS TIO ZECA E AREIA E SUA INSERÇÃO EM PORTO ALEGRE	30
6. AS PONTES NARRATIVAS	36
6.1 As narrativas espaciais dos heróis do lugar	36
6.2 A cartografia representativa – Onde é meu lugar na cidade?	38
7. ENUNCIADOS DAS VILAS TIO ZECA E AREIA	41
7.1 O que os discursos enunciam do lugar	41
7.2 Enunciados de quem não é do lugar	43
8. AS COMUNIDADES EM TRANSIÇÃO	48
8.1 A evolução da configuração espacial	48
8.2 Da transição a desestruturação	59
8.3 Importância do território para as comunidades	62
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia visa aprofundar as discussões territoriais urbanas, partindo de uma compreensão de que as tensões sociais no meio urbano, por possuírem cada vez mais variáveis, tornam-se cada vez mais complexas e dinâmicas. É então que partimos da constatação que os sentidos das ações estão cada vez mais sobrepostos nos lugares, não possuindo então, uma evidente separação, mas sim, caracterizando-se como uma sobreposição de vozes, olhares, escalas e gestos de muitos atores sociais em um mesmo lugar. É a partir dessa discussão que este texto busca relacionar a importância do território para uma comunidade e o como uma mudança nele impacta no seu cotidiano, no sentido de apropriação e pertencimento ao lugar, bem como nas relações de reprodução social. Com isto busca-se um aprofundamento teórico-metodológico para o entendimento da vinculação de comunidades a um território, utilizando a construção da segunda ponte do Guaíba e as mudanças que o empreendimento acarretará nas comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia no Município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Este é o cenário das observações in lócus, do qual se levanta a realidade empírica, como elo entre o teórico e o prático.

As Vilas Tio Zeca e Areia estão localizadas no bairro Farrapos, zona norte da cidade. As pessoas que ali residem possuem suas relações de habitação, confiança, moradia, trabalho, ou seja, possuem sua reprodução social fortemente ligada a estes territórios. Admitimos, no entanto, que com a construção da nova ponte estes territórios passam a configurar-se por aquilo que estamos chamando de territórios de transição. Adota-se este termo, pois, partimos da prerrogativa que estas comunidades terão seus territórios modificados estruturalmente e impactados pela construção da segunda ponte do Guaíba, resultando em mudanças não apenas no sentido material, como o objeto ponte, mas também, por uma transição que afeta relações e comportamento dos moradores em suas geografias. Além disso, pode significar quebra do sentido de comunidade com as possíveis remoções de famílias.

O território quando está bem contornado por uma prática de atuação e se diferencia dos demais não se torna apenas uma área delimitada no espaço¹, pois este território é também lugar e paisagem, possui conteúdo, poder, significação e apresenta uma configuração material construída. Para entender estas diferenciações territoriais,

¹ “Revisitando o conceito de espaço na Geografia” exposição realizada por Márcio Piñon de Oliveira em outubro de 2015 no Departamento de Geografia da UFRGS.

partimos de dois entendimentos iniciais: o material, ou seja, a configuração territorial em si, e também o subjetivo, aquele que envolve as práticas e ações sociais de sujeitos no lugar, pois pensando assim, pode-se melhor compreender a reprodução de uma comunidade associada ao seu território. As diferentes formas de interação com o território são a chave para o entendimento da importância do mesmo para aquela comunidade que ali é residente. A partir disso o território pode ser pensado como um conjunto de vozes, de poderes e de significações, que somadas às relações práticas em um espaço determinado, dão sentido único a àquela porção e que podem definir cada território. Assim, só com o entendimento de como um grupo está apropriado naquela determinada porção de espaço que podemos apresentar a importância do território para o mesmo, como ali é seu lugar de pertencimento na cidade e como as mudanças em sua configuração significaram uma mudança de vida, de cotidiano. Desta forma, esse período de construção material, torna-se uma transição, uma passagem para uma nova forma de organização e reprodução social para as comunidades impactadas.

Além de dialogar entre o teórico-prático, esta monografia justifica-se como forma de constituir um registro de memória das relações territoriais das comunidades observadas, considerando que seu espaço vivido está sujeito ao desmanche pelo risco de descaracterização a partir da construção da segunda ponte do Guaíba. Esse trabalho também se justifica como forma de fortalecimento do movimento de obtenção de direito à moradia e acesso à cidade. Também possui a justificativa de que a geografia permite, na combinação de métodos, um entrelaçamento das discussões teóricas, metodológicas e empíricas.

Esta monografia possui o tema central de pesquisa expor como as mudanças na configuração territorial implicam também em uma transformação nas relações das comunidades que habitam este território que se modifica. Partindo do objetivo de aprofundar a discussão sobre a importância do território a partir das práticas que as comunidades que ali habitam desenvolvem e direcionando as observações para desdobramentos do sentido de pertencimento territorial nas comunidades das vilas Tio Zeca e Areia, ambas impactadas frente à construção da segunda ponte do Guaíba, no município de Porto Alegre, RS. Com isso, tomamos como objetivo geral, analisar como uma comunidade está vinculada ao seu território e se uma modificação na constituição material do território também irá afetar as relações de reprodução social da comunidade. Também pretende-se descrever e caracterizar a área de estudo em relação à cidade de Porto Alegre, bem como sua inserção e contexto no município. A partir da construção

de cartografias representativas também pretendemos delinear o processo histórico de ocupação do território pelas comunidades, observando suas temporalidades. E por fim a possibilidade de discutir e a apresentar o projeto da segunda ponte do Guaíba e suas transformações na área pesquisada. No decorrer da construção deste texto e na realização de combinações entre teorias e métodos, adotamos ainda como objetivo secundário o de contribuir com as discussões teóricas e metodológicas no campo territorial.

Estes objetivos, somados, servem de reforço para a nossa hipótese que trabalhamos na constituição desta monografia, onde partimos de que com a modificação estrutural do território a partir da construção da segunda ponte do Guaíba, existe uma transformação no sentido de vínculo territorial, assim como também uma mudança nas relações de pertencimento e de reconhecimento territorial nas comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia.

2. METODOLOGIA

2.1 Revisão de Literatura

Dentre os procedimentos iniciais da investigação realizam-se leituras para a fundamentação teórica e metodológica do projeto. É neste passo que se realiza a busca de trabalhos já desenvolvidos com a mesma área de estudo, ou ainda que possuam uma abordagem teórico-metodológica semelhante, com fins de obter o material de partida para nossa investigação e também para a ampliação do debate da temática. É também a partir da revisão de literatura sobre o tema que se busca uma apropriação teórica das contribuições encontradas para o diálogo com as proposições por nós levantadas no campo da Geografia Social.

É a partir do confronto de diferentes aplicações teóricas e casos empíricos, que podemos obter ferramentas para realização de nossa investigação. Ressaltamos a importância deste passo metodológico por funcionar também como um guia de pesquisa, para organização das etapas a serem cumpridas, além disso, serve como ferramenta no aprimoramento da escrita acadêmica. É a partir desse ponto de partida bibliográfico que podemos avaliar e optar por procedimentos e técnicas que nos dão auxílio em nossas observações nas comunidades pesquisadas por nós. Também destacamos aqui a obtenção de textos técnicos, que foram disponibilizados pelo Departamento Nacional de Infraestrutura e Trânsito (DNIT), onde são estes os projetos técnicos de execução e bem como as apresentações de audiências públicas, que somadas nos permitem a compreensão do processo de construção da nova ponte do Guaíba.

2.2 Registros Midiáticos

Para adquirir dados e informações que registram o lugar também utilizamos técnicas de compilação de mídias, aplicadas às publicações sobre o empreendimento da segunda ponte do Guaíba. Este levantamento é importante, quando nos propomos a entender e a partir de uma proposição teórica que realiza um comparativo dos discursos midiáticos e bem como dos discursos das comunidades afetadas, ou seja, como são diferentes os registros do lugar. Para realizar este levantamento utilizamos duas ferramentas, o sistema de *Alertas do Google* e também o programa *Nvivo 10* (disponível na rede da universidade).

O sistema de *Alertas do Google* funciona a partir da vinculação frases ou palavras de interesse, as quais, a cada vez que são publicadas gera-se uma notificação por *e-mail*, contendo os endereços digitais em das publicações. Com Os termos de pesquisa que foram por nós vinculados foram: “Vila Tio Zeca”; “Vila Areia”; “Nova Ponte do Guaíba” e “Ponte Guaíba”. Além dos termos de pesquisa precisamos especificar as fontes de informações, que para esta pesquisa foram: Notícias; Blogs; Vídeos e Discussões. Após escolhermos as fontes de informações e as palavras chaves indicamos também as questões quantitativas, como a frequência que somos avisados, se a cada vez que os termos forem publicados, ou uma vez por dia, ou ainda uma vez por semana. Na questão de periodização da busca, optamos por delimitar de janeiro de 2008 até junho de 2016, acompanhando então o início da discussão da viabilidade do empreendimento até a fase de redação desta monografia.

A partir desse sistema de buscas conseguimos adquirir informações nos mais diferentes âmbitos, desde as informações que gostaríamos de registrar no início de pesquisa, as reportagens de mídias tradicionais, mas também conseguimos acesso a blogs e discussões de pessoas interessadas no projeto da nova ponte, informações de divulgação das empreiteiras e debates da sociedade civil através de fóruns digitais. A ferramenta adquiriu grande utilidade para identificarmos os termos registrados sobre o que se enuncia sobre o lugar, e também o que se discute. Importante para a nossa argumentação e análise das diferenças de forma e conteúdo de abordagem sobre um mesmo lugar e um mesmo assunto. Também destacamos que utilizamos buscas de informações referentes a nossa área de estudo a partir dos sites dos jornais Zero-Hora e Correio do Povo. De seus repositórios digitais resgatamos notícias de anos anteriores.

Todas essas informações adquiridas precisaram ser classificadas e organizadas e para isso utilizamos outra ferramenta computacional: o software *Nvivo 10*. A partir dessa ferramenta é possível visualizar e interligar os dados obtidos através do *Google Alerts* e das fontes dos jornais, e a partir disso obter pistas para uma análise de discurso, ou seja, de uma compreensão dos enunciados e da forma com que se apresentam e se conectam ao tema da pesquisa. Para isso utilizamos as opções de consulta e o assistente de consulta, o que nos permitiu uma contagem e frequência das palavras que mais foram utilizadas. Também com ele podemos definir a quantidade dos termos mais frequentes, analisar quais termos se associam, bem como identificar quais as linhas de prosseguimento textual.

2.3 Trabalho de Campo

As observações de campo são parte muito importante do trabalho. O reconhecimento da situação e interpretação no lugar pelo pesquisador permite ampliar seu potencial analítico. Após a seleção de conceitos teóricos, a etapa de realização de incursões de campo, na forma de observação direta, permitiu ao pesquisador a oportunidade de experimentar o cotidiano do lugar, munido de uma lente teórica consolidada para observar o seu objeto de pesquisa. A importância disso está na realização do diálogo entre o teórico e o prático, o que para o geógrafo é uma experiência prática de estabelecimento e percepção das teorias no particular. No nosso caso, a primeira observação foi realizada no ano de 2014, quando, por meio de um trabalho técnico-social², realizamos com a comunidade oficinas para elaboração de uma cartografia do espaço vivido.

Nesta primeira ocasião, tivemos a oportunidade de ouvir a comunidade em duas reuniões da associação de moradores, que foram destinadas ao fechamento do trabalho técnico-social realizado para o cadastramento das famílias que ali viviam e que seriam impactadas pela construção da nova ponte do Guaíba. Foram percebidas nas falas uma grande preocupação pela perda do seu lugar na cidade. Neste primeiro trabalho foram realizadas e entregues a comunidade a cartografia de referência, que representava então as marcações e indicações do que se reconhecia no seu lugar, um reconhecimento espacial/territorial. A observação de campo realizada em 2014 também permitiu a conversa em forma de entrevista com as comunidades pesquisadas, onde utilizamos as técnicas de entrevistas livres do tipo narrativas. Com ela conseguimos obter um registro bastante autêntico sobre o lugar e sua comunidade, já que não influenciámos a conversa por meio de perguntas diretas. Obtivemos informações mais gerais dos tipos de relações que cada sujeito possui com o lugar vivido, de como as relações de vizinhança se dão e de como a manutenção de sua reprodução social estava em risco, associada então na mudança do lugar e de seu entorno. A partir dessa primeira experiência com a comunidade, vislumbramos então, que além do seu próprio território, o relacional com o espaço circundante era muito importante para aquelas comunidades. Então, é a partir desse contato em 2014 que temos o ponto de partida dentro de nosso objeto de pesquisa:

² Heidrich, Álvaro & Santos, Rai. Oficinas de Cartografia in Cadastramento Socioeconômico da segunda ponte do Guaíba. 2014. Disponibilidade: Restrita. 20p; Porto Alegre; Instituto Fidedigna sob responsabilidade de Eduardo Pazinato e Aline Kerber.

a construção da nova ponte do Guaíba e seus impactos nos territórios destas comunidades.

Depois desta primeira observação, objetivamos um novo trabalho de campo no ano de 2016, com o qual obtivemos registros após dois anos do primeiro contato. Buscamos ali o entendimento de como a comunidade evoluiu e como a materialização e andamento das obras vem afetando a comunidade. Como o ponto primordial para nossa análise, foram realizadas novas entrevistas com a intenção de captar narrativas, com pouca intromissão nos temas abordados, a fim de realizarmos uma comparação entre os discursos de 2014 e 2016. O trabalho de campo de 2016 também teve como objetivo percorrer a comunidade, bem como ouvir as lideranças do lugar, saber como estão as expectativas da comunidade perante a obra que já se materializa no lugar. Com esta temporalidade dos dois trabalhos de campo, podemos também buscar em seus discursos mudanças em suas percepções do problema, e bem como sobre o avanço do projeto e situação das comunidades.

2.4 Utilização de Sistemas de Informações Geográficas

A utilização de técnicas de espacialização dos dados, através dos sistemas de informações geográficas (SIG) se dão nos processos de geração e organização de informações obtidas da comunidade e transcritas em dados espaciais. Para isso foi necessário a utilização dos programas *ArcGis* 10.2 (disponível na rede da universidade) e *QuantumGis* 2.14 (Livre e gratuito). Estes dois programas permitiram a elaboração de mapas para um entendimento espacial e de localização das comunidades pesquisadas. Ainda destacamos a utilização do software *Google Earth*, o qual permitiu a extração de imagens de satélite dos anos de 2002, 2005, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2015, uma importante ferramenta para o acompanhamento das transformações transcorridas na área. Estas imagens, que através de técnicas de fotointerpretação e geoprocessamento, construímos mapas evolutivos do lugar.

Este conjunto de técnicas nos permite ver no plano espacial, algumas das relações que são observadas no lugar e gerar mapas síntese de diversas categorias analisadas, além de realizar a sobreposição de dados individuais e coletivos a fim de gerar planos das informações adquiridas. Além disso, estas técnicas a possibilitam caracterizar e localizar a área de estudo permitindo uma compreensão da posição relativa no âmbito do espaço urbano de Porto Alegre. Para gerar estas cartografias,

destacamos a utilização das bases cartográficas oriundas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

2.5 Sistematização de Dados

Para realização desta monografia, definimos então trabalhar com as entrevistas narrativas atribuindo a estas o papel de representar as comunidades pesquisadas. Também definimos que nossa área geográfica de abordagem corresponde às ocupações das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia, localizadas na área de abrangência do projeto da segunda ponte do Guaíba. Além disso, para determinadas variáveis utilizamos as áreas circundantes.

Para a definição do corpus de trabalho, é necessária a seleção de informações, como nos diz J. BEAUJEU-GARNIER (1971): “[o] geógrafo deve escolher os elementos que lhe parecem fundamentais, e partir deles, descobrir o complexo das relações”. Não só para os geógrafos, mas para os pesquisadores em geral, é o momento de escolha das informações obtidas na pesquisa que irá conduzir a construção de trabalho, e também os diferentes pesos (importância das variáveis) que irá ditar também o potencial analítico-descritivo do trabalho. Para a escolha das mídias adotamos o critério de data-relevância das notícias listadas através da ferramenta *Google Alerts*, sendo a relevância um entendimento do que se trata e a data uma evolução temporal do objeto de pesquisa. A partir das informações selecionadas constituímos a organização destes dados selecionados durante a execução do projeto, em um banco de dados, onde então, estes dados são codificados e posteriormente utilizados para a elaborar os textos interpretativos da pesquisa. Também é nesta etapa que se desenvolve a organização, utilização do acervo fotográfico e a elaboração de mapas síntese da pesquisa.

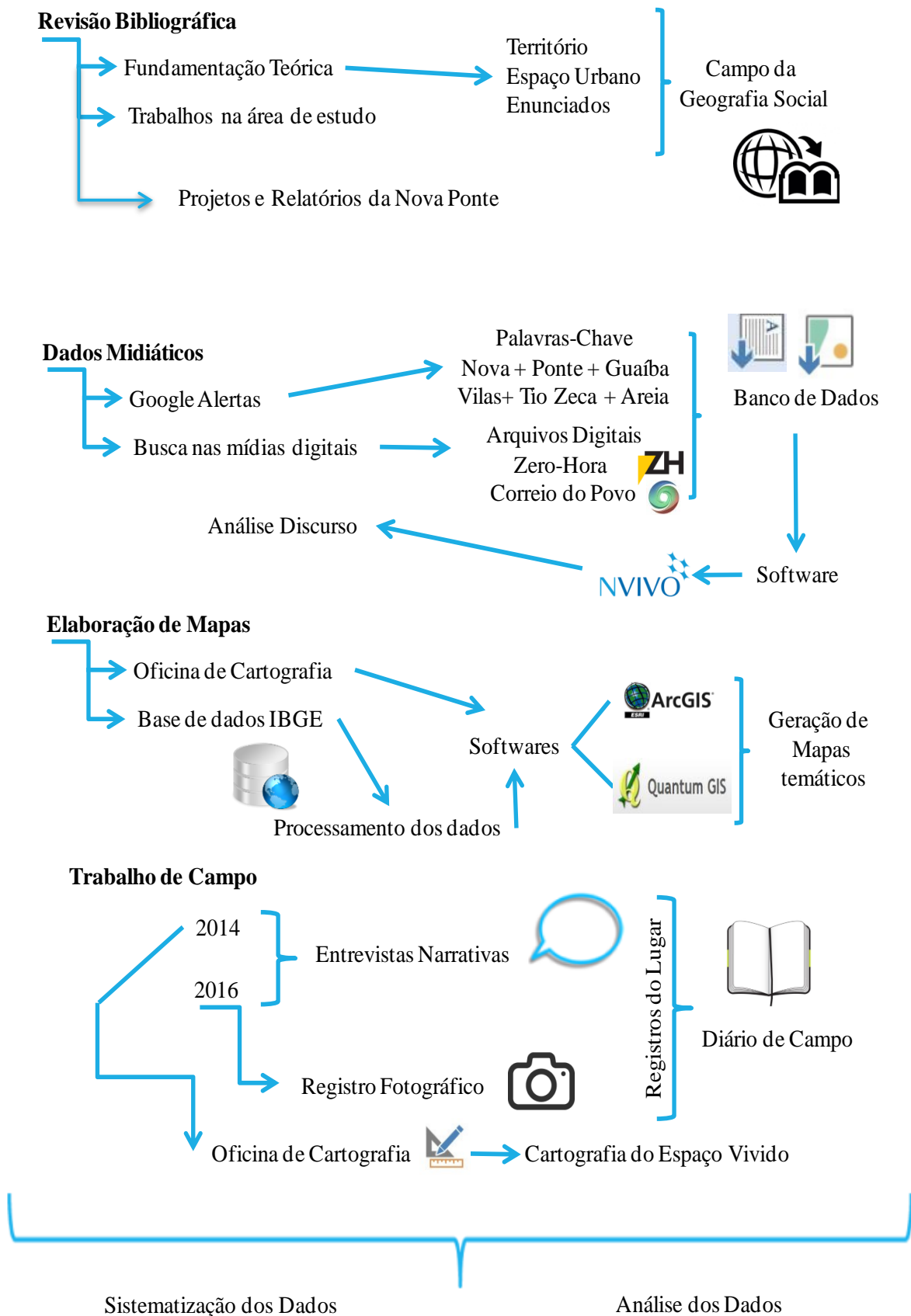
Quadro 1. Tipo de informações utilizadas na pesquisa.

Informação	Tipo	Obtenção/levantamento
Entrevistas Narrativas	Áudio	Trabalho de Campo 2014 e 2016
Informações do Projeto da Ponte do Guaíba	Apresentação de Slides	Disponibilizado pelo DNIT – Audiência Pública
Plano Executivo de Engenharia	Texto em PDF	Disponibilizado pelo DNIT
Registro Fotográfico	Fotos	Levantamento em trabalho de campo 2016 /Disponíveis na rede
Registros midiáticos	Imagens, Texto em PDF	Google Alertas e Buscas digitais nos jornais Zero-Hora e Correio do Povo
Base Cartográfica	Arquivos tipo <i>Shapefile</i>	IBGE
Caderneta de Campo	Manuscritos realizados no local	Trabalho de Campo

Quadro 2. Procedimentos metodológicos adotados.

Procedimento	Prática
Observação direta	O papel do pesquisador é de registrar o cotidiano da comunidade. Observações de reconhecimento.
Entrevista Narrativa	Pesquisador entrevista os moradores da comunidade de maneira de livre.
Levantamento Fotográfico	Pesquisador registra fotograficamente o lugar nas observações.
Diário de Campo	Pesquisador registra e descreve a dinâmica observada no lugar.
Registro de mídias	Pesquisador recolhe materiais das diferentes fontes midiáticas em respeito ao empreendimento da segunda ponte do Guaíba e das comunidades pesquisadas.
Construção de Mapas	Pesquisador elabora mapas que expressam a espacialidade dos dados adquiridos na pesquisa.
Sistematização de Dados	Pesquisador organiza e seleciona os dados adquiridos na pesquisa.
Análise de Dados	Pesquisador analisa os dados obtidos e a partir disso realiza sua interpretação da área pesquisada.

Figura 1 - Fluxograma de Percurso Metodológico



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

3. APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

As proposições conceituais podem ser mutáveis e devem ser interpretadas a partir de seu contexto histórico, geográfico e dos sujeitos. Essa evolução histórica dos conceitos é problemática em relação ao espaço e território, pois suas variações no decorrer do tempo sugerem diferentes pontos de inflexão. Mas é a partir de entendimentos conceituais, que podemos dizer que em Geografia a categoria mestre é a de espaço, um conceito mais geral e que se impõe frente aos conceitos como os de região, território, lugar, paisagem, etc. Utilizando e separando em categorias de análise, então partimos da ideia de Claude Raffestin (1993) de que o espaço é uma categoria de análise anterior ao território, sendo este uma categoria maior, e assim compreendendo que dentro desta ideia o território contém informações e é relacional com o espaço geográfico. Tomando assim e somadas às compreensões de que o conceito de território é polissêmico, e que cada conceito nos remete a outros, adotamos neste trabalho a ideia de que o território é uma porção do espaço apropriada por um grupo social ao qual está diretamente relacionado com as ações deste grupo e as práticas de poder em diferentes escalas.

Assim quando adotamos a nossa proposta de definição de território para a sua utilização dentro do espaço urbano, é entendível que existam múltiplos territórios dentro da cidade, ou seja, diferentes porções de espaço apropriadas por diferentes grupos sociais, e o que leva a diferenciações nas formas das práticas espaciais adotadas em cada porção. É assim que estes grupos podem ser diferenciados dentro do espaço urbano. Por isso, se tomamos o espaço urbano de Porto Alegre como área de observação, é cabível que vejamos a cidade como um conjunto de territórios, os quais, cada um, é singular na sua configuração territorial e possui nas ações dos atores diferentes formas e tipos de relações de apropriação e pertencimento.

Estas ações são importantes para entender as diferenciações territoriais. Mas não só isso, a partir destas interações o espaço é marcado por símbolos e com isso a criação de identidades territoriais (BONNEMAISON, 1997; CLAVAL, 1999; DI MÉO, 1998; DI MÉO & BULÉON 2007; HAESBAERT 2007) se faz presente, em forma de apropriação de espaço, de um determinado lugar, por um determinado grupo. Estas vinculações territoriais, onde estas práticas acontecem, são fundamentais para entender os múltiplos territórios existentes que no espaço urbano estão manifestados. Incorporando a este entendimento de aglomeração urbana, o de que a parte estrutural da cidade é também algo em construção, modificação e não algo estanque, logo os

símbolos e as práticas de apropriação espacial em territórios estão sempre sendo constituídos, pensados e engendrados.

Como realizamos estas construções para o espaço urbano, justifica-se, então, a escolha deste elemento assim como para David Harvey (2014) que afirma que as cidades sempre foram lugares de desenvolvimentos geográficos desiguais, ou ainda para Paul Singer (1973) onde se entende a cidade como uma aglomeração humana, lugar onde as pessoas vivem geograficamente próximas. É na cidade então que podemos observar que em seu espaço estão aglutinados e sobrepostos os diferentes usos e interesses entre agentes e atores, que atuam nas mais diferentes escalas. Essa coexistência evidencia-se na evidente disputada pelo uso e valor da terra urbana. É por isso que com essa compreensão de espaço urbano, de que nele estão condensadas as relações capitalistas, para ter acesso a moradia e a terra urbana é necessário pagar seu preço e para isso utilizamos o entendimento de Arlete M. Rodrigues:

“Para morar é necessário ter capacidade de pagar por esta mercadoria não fracionável, que compreende a terra e a edificação, cujo preço depende também da localização em relação aos equipamentos coletivos e à infraestrutura existente nas proximidades da casa/ terreno.” (RODRIGUES, 1991, p. 14).

Existem diferentes tipos de incorporação de áreas na produção do espaço urbano, Roberto Lobato Corrêa (1989) as classifica por seus agentes: como os proprietários dos meios de produção; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado; e os grupos sociais excluídos. Dentro de nossa análise duas delas são predominantes, uma é através da promoção do Estado, que atua como organizador espacial da cidade e a outra por parte dos grupos sociais excluídos, que possuem sua produção ligada a estratégia de direito à cidade. Como o espaço urbano é lugar de condensação e articulação das relações capitalistas, destacamos estas duas, mas sem esquecer que os outros tipos de agentes estão integrados e sobrepostos, que atuam e disputam os mesmos espaços e principalmente em relação ao Estado, podem se beneficiar do ordenamento territorial proposto pelo Estado. Ainda observamos as questões referentes ao preço da terra urbana as características particulares que cada lugar obtém no espaço urbano e também sobre a acessibilidade, onde compreendemos com a proposição de Chorley & Haggett (1975) de que a acessibilidade significa coisas diferentes para diferentes atividades e, como entendemos aqui, seus atores e agentes envolvidos. Segundo Di Méo & Buleón (2007), ator é o agente com intencionalidade,

territorializador. As questões de diferenciações da produção do espaço urbano nas cidades estão associadas com as fragmentações no território, ocasionadas pelas disputadas dos agentes produtores do espaço urbano, isto se torna mais evidente e complexo nas metrópoles.

“Dado o espaço estruturar-se como uma posição geográfica, a contradição localização-distribuição se materializa numa contradição alteridade-centralidade. Isto é, num caráter inter-relacional que faz com que cada localização seja estruturalmente o que é na distribuição de todas, em decorrência da posição relativa que cada qual ocupa com referência ao todo das localizações.” (MOREIRA, 2006, p. 76).

Assim entendemos que nas disputas da terra urbana, um dos fatores disputados pelos agentes é a localização, um fator fundamental para o entendimento de acessibilidade da terra urbana, e também onde é uma causa e produto da segregação sócio-espacial, através da elevação dos preços da mesma nos lugares que possuem melhores serviços disponíveis, pois cada lugar é único no seu sentido de posição no espaço urbano e relacional no sentido do conjunto de possibilidades que o circunda. As possibilidades que cada lugar oferece são diferenciadas e notáveis no momento atual, mas lembramos também que o espaço é pensado e produzido e por isso a terra urbana está inserida na lógica de mercado, em um contexto de adequação dos lugares, ou podemos dizer de artificialização no sentido que ele é construído, pensado e moldado para uma determinada atuação. Somente transcorrido este processo de produção é que irá existir a mediação dos usos através de uma rede de ações, através dos atores, e são estas que irão diferenciar o que era então espaço, em territórios circundados e limitados por seus usos, apropriações, identidades e práticas.

Logo, como o espaço urbano é engendrado, pensado e constituído, podendo ser também objetivado a partir da ideia de Milton Santos (1996) sobre as intencionalidades. Como ele afirma: “Então, à intencionalidade da ação se conjuga a intencionalidade dos objetos e ambas são, hoje, dependentes da respectiva carga de ciência e de técnica presente no território.” Pensando assim, no sentido de que os objetos e as ações são pensadas, esta articulação é que leva construção e a uma produção do espaço urbano condicionado a determinadas práticas territoriais, também levando em consideração os diferentes níveis de poder dos agentes produtores deste espaço.

Com isso podemos retomar algumas ideias da sociologia de Weber (2004) na qual apontava para uma existência da incorporação desigual de poder e prestígio na sociedade. No contexto em que se enquadra o problema em estudo, essa distribuição

desigual designaria numa forma de organização da segregação do espaço/território da cidade. Esta influência, identificamos na abordagem do conceito de espaço social de Pierre Bourdieu (1992), na manifestação destas desigualdades em acessos de bem-estar e a disputas entre atores por direitos de acesso a estes recursos materializados no espaço urbano:

“A presença de uma massa populacional com salários muito baixos, dependendo de trabalho ocasional para viver, ao lado de uma minoria com altos salários, cria na sociedade urbana uma distinção entre os que têm permanente acesso aos bens e serviços oferecidos e os que, mesmo apresentando necessidades similares, não podem satisfazê-las.” (SANTOS, 2014, p.95)

É a partir destas primeiras conexões que entendemos que as vilas Tio Zeca e Areia estão inseridas na lógica de produção do espaço urbano. Constituem territórios através das práticas dos sujeitos que, por falta de acesso ao mercado formal de terras, têm suas ações moldadas e pensadas para sobrevivência e inserção na cidade. Além disso, as ressaltamos que esta porção de espaço em específico, através do conjunto de possibilidades que é único para aquele lugar dentro da cidade como um todo, reúne as características específicas quanto acesso a cidade, emprego, moradia e deslocamentos.

As comunidades que habitam estes territórios se constituíram e possuem sua reprodução social vinculada àquela porção diferenciada, pois é a partir dali que conseguem interagir dentro da lógica urbana. Porém, lembramos que este espaço está condicionado a determinadas ações tanto na esfera do que é dito formal, quanto do que é informal. Por isso, além das características de vulnerabilidade social, as comunidades estão habituadas e possuem seu funcionamento orgânico para um determinado tipo de uso e ordenamento do território, e uma mudança nesta constituição trará novas formas de sobrevivência para estas comunidades no espaço urbano, ou seja, novas formas de inserção e reprodução social.

4. A NOVA PONTE DO GUAÍBA

4.1 Contexto e breve histórico

Para conectar a cidade com as suas áreas de insulares, bem como com os municípios que compõem a região metropolitana na face Oeste, área do Delta do Jacuí, utiliza-se o acesso pela BR-290 através da ponte do Guaíba. É também através dessa rodovia que se dá o ponto de conexão das rodovias que conectam as fronteiras com a Argentina e o Uruguai, bem como o destino ao porto de Rio Grande. Todas estas conexões que hoje se dão, dão-se pela ponte do Guaíba, inaugurada em 1958 e que substituiu a travessia antes realizada a partir do sistema balsas, que já em 1953 se detectava saturada, limitando o tráfego e tornando demorado o tempo de travessia.

Dentro dos projetos apresentados para a construção da primeira ponte, existiam duas possibilidades de trajeto, uma que saía do local então chamado de Vila Nova (Ponta da Cadeia) e outra em que se aproveitava o sistema deltaico de ilhas, que foi esta a proposta vencedora. O projeto foi elaborado na Alemanha e modelado no Laboratório *Dauphinois d'Hidraulique* em Grenoble, França. Nesse projeto se considerou a grande enchente de 1941, sendo então montado um modelo do Delta do Jacuí para o entendimento da dinâmica hídrica do sistema como um todo e também os possíveis impactos da obra naquela região.

A ponte do Guaíba corresponde à primeira de um total de quatro que compõe a Travessia Régis Bittencourt. A grande característica da obra inaugurada em 1958 é sua parte móvel que alcança uma altura de 35 metros acima do nível da lâmina d'água, permitindo então a passagem das embarcações.

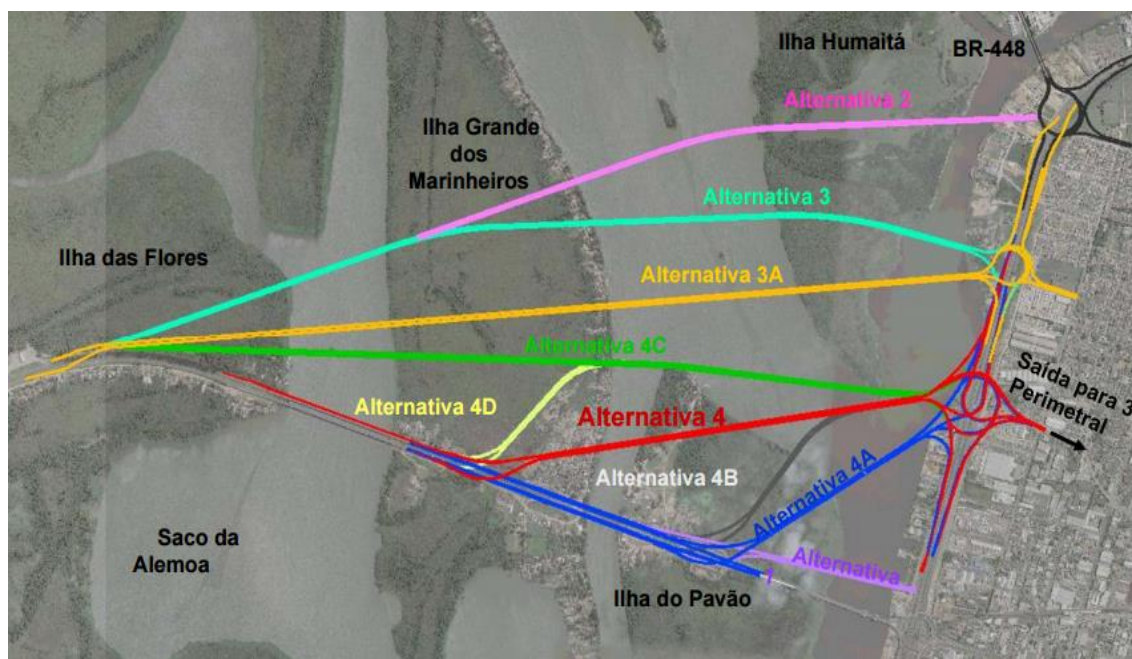
A ponte do Guaíba é um símbolo da cidade e a marca característica no imaginário dos Porto-Alegrenses, também referida como motivo de orgulho, mas, que com o passar do tempo transformou-se em um problema de conectividade. Com o aumento da frota de veículos e a expansão da região metropolitana o acesso por ela ficou saturado trazendo também outro agravante: as interrupções de tráfego devido ao içamento do vão móvel, em torno de trinta minutos. Segundo o Departamento Nacional de Infraestrutura e Trânsito (DNIT) em 2014 foram registrados em média 45 içamentos do vão móvel por mês, onde também se informa que o trecho possuía o fluxo médio de 48 mil veículos por dia. Também é estimado que estes cortes de circulação, a cada 5 anos corresponderiam como se o cruzamento estivesse interrompido por 40 dias. Tudo

isto tem gerado reclamações nos mais diferentes âmbitos da sociedade, desde associações de prefeituras, empresários locais, transportadores e da própria sociedade civil que se vê prejudicada com a falta de alternativas para o deslocamento e corte de tráfego.

4.2 A nova ponte

Após estas pressões, uma das propostas de campanha eleitoral da Presidente Dilma Rousseff era a construção de uma nova ponte do Guaíba. Foi a partir disso que o DNIT elaborou um projeto básico de travessia, o qual foi aberto para que as empresas interessadas, em regime de licitação pública, apresentassem um projeto executivo de engenharia, complementando o projeto básico. A partir disso foram apresentadas as propostas conforme a figura abaixo.

Figura 2 - Propostas de trajetos para a segunda ponte do Guaíba.



Fonte: DNIT, 2013.

A figura 2 apresenta as proposições de trajeto sobre uma imagem de satélite, mas devemos entender que não se trata de uma simples escolha de trajeto, pois também foram listadas as condicionantes para o nível de viabilidade técnica. Estes estudos são relativos aos impactos e mitigações que o projeto apresenta, assim como também consideram os níveis de viabilidade técnica, econômica, ambiental e de conectividade. Os graus utilizados para a escolha da proposta estão na imagem abaixo, disponibilizada

pele DNIT nas audiências públicas de sua apresentação. A partir dessas ponderações a alternativa vencedora foi a de número 4, que aparece em vermelho na figura anterior.

Figura 3 - Comparação das propostas em nível de viabilidade técnica.

CONDICIONANTES	NÍVEL DE VIABILIDADE TÉCNICA								
	1	2	3	3A	4	4A	4B	4C	4D
INTERFERÊNCIA OCUPAÇÃO ILHAS	Alto	Médio	Médio	Médio	Baixo	Alto	Alto	Médio	Médio
CONEXÃO COM MALHA URBANA	Inviável	Baixo	Médio	Médio	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
CONEXÃO COM RODOVIAS	Inviável	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio	Médio
INTERFERÊNCIA COM HIDROVIAS	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
INTERFERÊNCIA COM AEROVIA	Inviável	Alto	Alto	Alto	Médio	Inviável	Inviável	Alto	Alto
EXTENSÃO	Muito Alto (1,5 km)	Muito Baixo (5,4 km)	Muito Baixo (5,1 km)	Muito Baixo (5,0 km)	Médio (2,9 km)	Alto (2,0 km)	Alto (2,1 km)	Muito Baixo (4,8 km)	Médio (3,1 km)
Nº DE CANAIS DE NAVEGAÇÃO	Alto (1 canal)	Médio (2 canais)	Médio (2 canais)	Médio (2 canais)	Médio (2 canais)	Alto (1 canal)	Médio (2 canais)	Médio (2 canais)	Médio (2 canais)
SINUOSIDADE DO TRAÇADO	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto	Baixo	Alto	Muito Baixo
STATUS	Descartada	Descartada	Descartada	Descartada	Alternativa Escolhida	Descartada	Descartada	Descartada	Descartada
PROBABILIDADE DE VIABILIDADE TÉCNICA	INVIÁVEL	MUITO BAIXO	BAIXO	MÉDIO	ALTO	INVIÁVEL	INVIÁVEL	MUITO BAIXO	BAIXO

Fonte: DNIT, 2013.

A construção da segunda ponte do Guaíba possui um orçamento inicial de quase 650 milhões de reais, estando incluída nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal. O que é correspondente à nova ponte são 1,9 quilômetros de um total de 7,3 quilômetros quando considerados acessos e elevados da travessia. Uma informação importante que em todos os momentos o DNIT coloca em evidência é que a nova ponte não vem para substituir a antiga, mas sim ser alternativa para a realização da travessia. Assim, devemos pensar a nova ponte também como uma alternativa de deslocamento, interconectada com duas opções: as autopistas que evitam o tráfego interno na cidade, ou ainda, uma forma direta de conexão para a terceira perimetral de Porto Alegre conectando a Zona Norte e a Zona Sul da cidade.

Quadro 3. Comparação da ponte atual e a expectativa da nova ponte.

	Ponte Atual	Nova Ponte
Extensão	2,8 km	7,3 km
Fluxo de Veículos	48mil por dia	50mil por dia
Altura Máxima	35 metros	40 metros
Inauguração	1958	2017 (Previsão)

Figura 4 - Carta imagem com a proposta da nova ponte do Guaíba

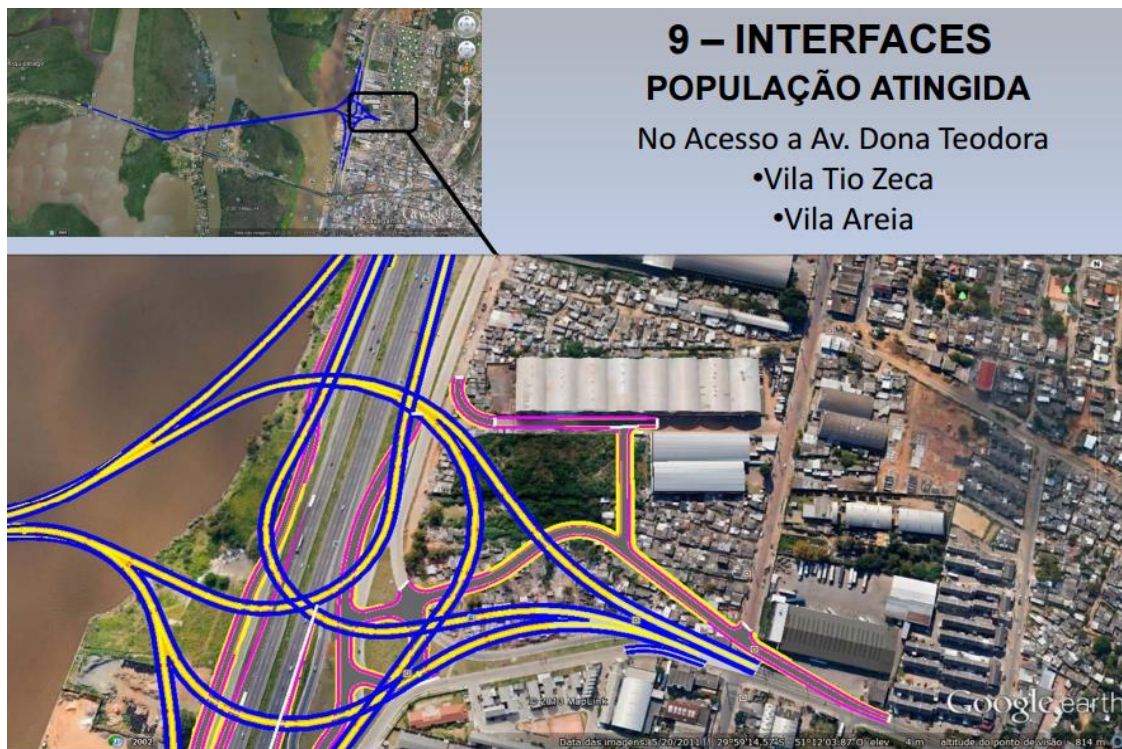


Fonte: DNIT, 2013.

É a partir da proposta vencedora que a construção da nova ponte do Guaíba e as comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia se encontram. Com este projeto, as áreas das Vilas Tio Zeca e Areia passam a interessar em escala nacional, o que antes ficava sob jurisdição municipal com o Programa Integrado Entrada da Cidade (PIEC). A partir dessa mudança de escala, os projetos de reassentamento e de acesso à moradia digna ganham novo impulso nas comunidades, pois é realizado um novo cadastramento das pessoas residentes nesta área, mesmo que antes já houvesse o cadastramento pela Prefeitura de Porto Alegre. A partir desse momento a comunidade passa a ter um cadastramento pelo DNIT. Lembramos que além da área das Vilas Tio Zeca e Areia, o projeto requer áreas que impactam na comunidade da Ilha Grande dos Marinheiros, na parte deltaica da cidade. A próxima imagem, divulgada pelo DNIT, mostra a

sobreposição do traçado da nova ponte na área das comunidades das vilas aqui em estudo e como estas áreas passam a interessar nesta esfera.

Figura 5 - Traçado da nova travessia em relação as comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia.

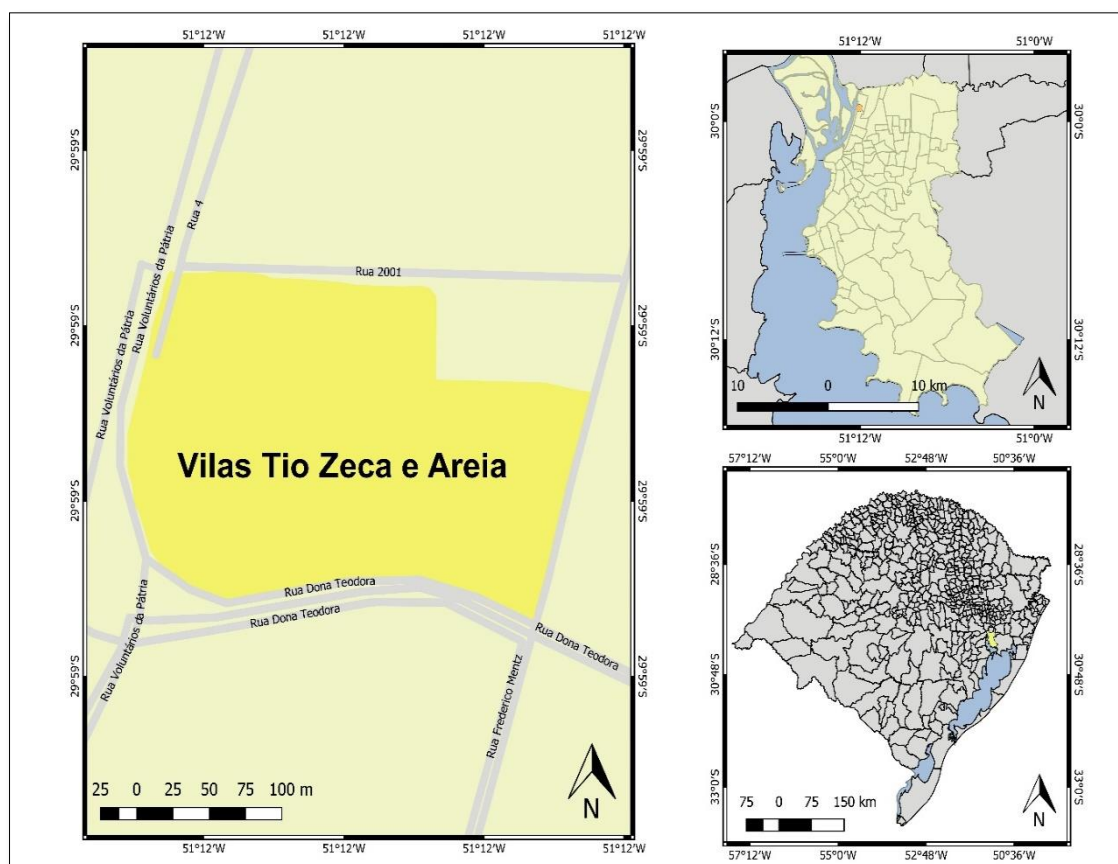


Fonte: DNIT, 2013.

5. AS VILAS TIO ZECA E AREIA E SUA INSERÇÃO EM PORTO ALEGRE

As comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia possuem seus territórios circundados pelas Avenidas Frederico Mentz (Leste) e Voluntários da Pátria (Oeste) e ainda com as Ruas Dona Teodora (Sul) e Rua 2001(Norte). Dentro de uma divisão por zona da cidade, localiza-se na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, pertencendo ao bairro Farrapos.

Figura 6 - Mapa de localização das Vilas Tio Zeca e Areia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

O bairro Farrapos por sua vez está inserido no chamado 4º distrito da cidade, que é composto ainda pelos bairros Floresta, Marcílio Dias, São Geraldo, Navegantes e Humaitá. As ocupações das Vilas Tio Zeca e Areia foram gravadas³ no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental (PDDUA) de Porto Alegre como Áreas

³ Lei Municipal 8187/1998. Disponível em <www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph_bras?s1=000021915.DOCN.&l=20&u=%2Fnetahtml%2Fsirel%2Fsimples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SEC T1=TEXT> Acesso em 29/05/2016.

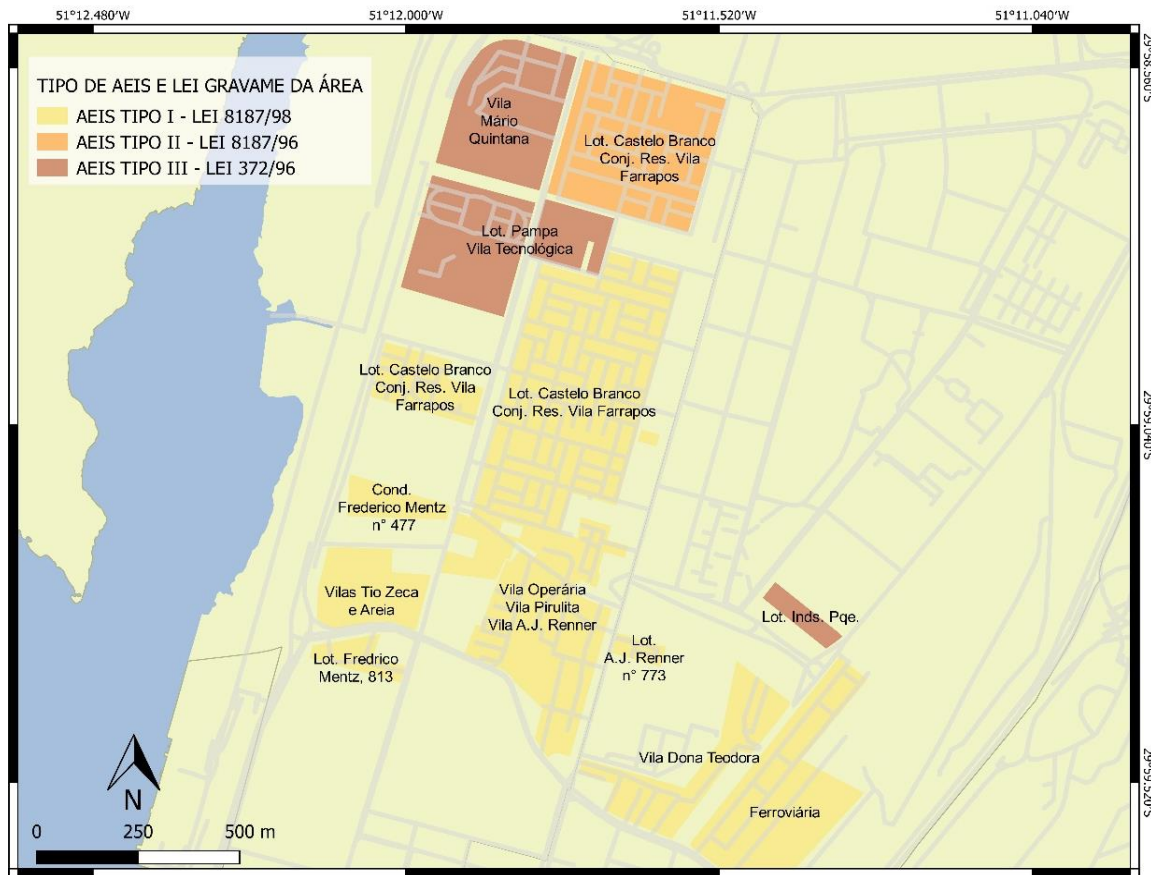
Especiais de Interesse Social (AEIS)⁴ através do tipo I⁵, que são para áreas públicas e privadas ocupadas por assentamentos. Ainda dentro dessas caracterizações dentro do ordenamento do espaço urbano da cidade de Porto Alegre, o bairro Farrapos e as comunidades Vila Tio Zeca e Areia estão inseridas dentro do Programa Integrado Entrada da Cidade (PIEC) que prevê obras em cinco setores: habitação, desenvolvimento comunitário e educação sanitária e ambiental, geração de trabalho e renda, infraestrutura viária e valorização paisagística. Apresentamos na figura 7, uma cartografia que demonstra as AEIS inseridas nesta região, isto serve para contextualizar as Vilas Tio Zeca e Areia na região. Notamos que a concentração de AEIS nesta área, se relacionam com as ocupações urbanas⁶ recorrentes na região desde os anos de 1970. A tentativa de no período atual de inserção desta região no mercado formal de terras e os instrumentos urbanísticos, como o PDDUA e o Estatuto da Cidade, justificam a presença de tantos planos de normatização dos padrões de uso e ocupação da área.

⁴ Institui a Área Especial de Interesse Social em parte de Área Funcional de Interesse Urbanístico instituída pela Lei Complementar nº 338-A/1995.

⁵ AEIS I: Assentamentos autoproduzidos por população de baixa renda em áreas públicas ou privadas.

⁶ Ver também: MORAES, Aldovan de O. Duas ou três coisas a respeito de regularização fundiária. Porto Alegre: janeiro de 2007.

Figura 7 - Mapa de AEIS na região das Vilas Tio Zeca e Areia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

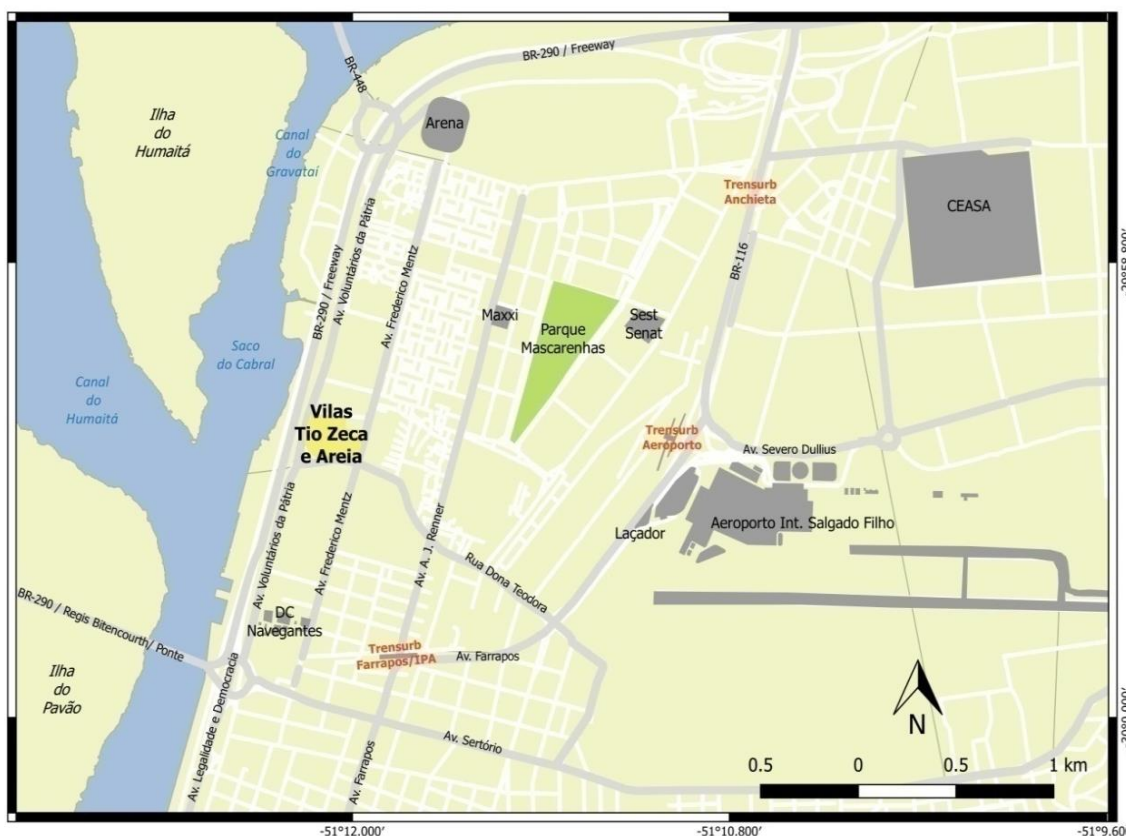
Mas as descrições de posições limitam-se a apontar um lugar no espaço, não são capazes de nos indicar como é viver naquele lugar. Como discutimos, a posição no espaço urbano não deve ser vista apenas como absoluta, a posição relacional é fundamental para compreender onde uma área está inserida e também para um entendimento desse espaço social. Entendemos este espaço social a partir das ideias de um espaço com interferência ativa das relações sociais e relações espaciais de um grupo, que se diferenciam em contexto.

Para as comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia, a sua inserção dentro da cidade, com sua temporalidade, é ponto chave para sua reprodução social. Quando a comunidade consegue se identificar no espaço, consegue relacionar os pontos de referência para o seu cotidiano. A figura a seguir representa uma cartografia de referências, ou seja, de marcas espaciais lembradas pelos moradores. As marcações, apontadas na oficina de cartografia social e entrevistas narrativas das comunidades revelam lugares que são impregnados pelo uso e passagem, dentro da lógica de

pertencimento na cidade, de frequentar e reconhecer os lugares próximos a suas moradias. Nota-se que as comunidades estão inseridas em uma posição geográfica estratégica, no que se refere a desenvolvimento e acessibilidade da cidade.

Como destacamos, os planos de revitalização como o PIEC e mais as obras desenvolvidas na região, como a construção da BR-448 (Rodovia do Parque), a Arena do Grêmio, e bem como os diversos empreendimentos imobiliários que se instalaram na região, somam-se com a construção da segunda ponte do Guaíba. Tudo isso dá para a região uma característica dinâmica no sentido de expansão e também de uma constante transformação, revelando a cidade como produto de constante transformação. Devemos notar aqui o forte controle do Estado, com ordenamento através dos programas de revitalização e ordenamento regidos pelo PDDUA, lembramos da disputa de interesses de produção do espaço urbano. Mas complementamos que para os moradores do lugar as referências estão marcadas e lembradas muito mais pelo uso do que pela posição.

Figura 8- Mapa de referências espaciais para os moradores das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Como caracterização do histórico de ocupação, utilizamos o relato dos mais antigos moradores e lideranças comunitárias, eles nos contam que as comunidades estão assentadas ali há quase 70 anos, e que naquela região pouca urbanização havia, sendo quase toda sua extensão uma área de campo, conectada a algumas áreas industriais. Poucos são os registros de como se iniciou, mas muitas são as lembranças das conquistas, da evolução que já se obteve no lugar. Com a memória dos moradores através de suas falas, eles demonstram certa frustração em relação aos serviços oferecidos pelo poder público em seu bairro, não entendem o esquecimento, pois são mais antigos e lamentam que os bairros ao redor (com ocupações mais recentes) ganhem maior atenção em relação a infraestrutura. Essas falas reforçam um discurso de distinção dos moradores das comunidades, que o seu bairro é bairro Farrapos, e reafirmam seu pertencimento em diversas vezes. Entendemos isso como uma forma de caracterizar e inserir o lugar onde se vive.

Entendemos que dentro da estratégia de ocupações urbanas, a constituição destas comunidades normalmente se dá de forma orgânica, ocupando áreas por meio da

autoconstrução das moradias (MARICATO, 1979). As ocupações urbanas, normalmente formam vilas ou favelas, que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) os chama de aglomerados subnormais⁷. As ocupações urbanas estão inseridas na lógica da produção do espaço urbano e de preço da terra urbana, que quando uma população não consegue se alocar dentro do mercado de terras, a ocupação torna-se uma forma de estratégia para a sobrevivência. Consideramos através do trabalho de Moraes (2007) que as ocupações apresentam duas características básicas, a precariedade e a coabitação familiar. Dentro das comunidades Vila Tio Zeca e Areia notamos a precariedade de algumas construções e a falta de serviços de saneamento e coleta de lixo, a precariedade das construções estão marcadas também por uma incerteza de tempo de permanência no local, assim como observamos no trecho de entrevista a seguir:

“Não posso investir tudo que tenho para melhorar a minha casinha. Mas também não dá para viver assim. Vamos arrumando como dá. Quando vou sair daqui? Não sabemos e por isso é difícil pro cara investir”⁸

Ao mesmo tempo que estas incertezas se acumulam, notamos que pequenas melhorias são feitas diariamente pelos moradores. Eles nos contam, que entre a própria comunidade estão em constante ajuda para melhorar suas condições de habitabilidade. Tudo isto reforça a ideia da autoconstrução, além do ordenamento territorial mais propriamente dito para a utilização dos espaços de áreas comuns.

⁷IBGE – Censo de 1991: Aglomerado Subnormal é um conjunto constituído de unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado, até o período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, de forma geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais. Considera-se aglomerado subnormal os agrupamentos com 51 ou mais unidades habitacionais.

⁸Entrevista com morador realizada em 27/05/2016.

6. AS PONTES NARRATIVAS

6.1 As narrativas espaciais dos heróis do lugar

É a partir da realização das entrevistas do tipo narrativas com os moradores das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia, que encontramos uma forma de ouvir a história do lugar e de preservar sua memória, através do registro. Assim os moradores relatam a construção dos imaginários, dos invisíveis, do que constitui aquele lugar, assim como diz LINDÓN (1999):

“Los relatos de vida o narrativas autobiográficas están anclados en la experiencia humana; son un recurso para reconstruir acciones sociales ya realizadas; no son la acción misma, sino una versión que el autor de la acción da posteriormente a cerca de su propia acción pasada.”

Com base na ideia desenvolvida por Alicia Lindón (1999) de que as narrativas nos contam as práticas do lugar, e que os atores “mitificam” as suas próprias trajetórias, nos relatos como a população das comunidades se transformam em “heróis”, pois são estes que constituem a própria comunidade em sua realização como lugar e isto se dá no cotidiano da comunidade, nas cooperativas, nos galpões, na associação de moradores, etc. Em todos estes lugares que a comunidade se reproduz que também se reconhece como grupo, são os que marcaram suas trajetórias de vida, como atores individuais e como coletivo em forma de comunidade. Também com as narrativas que o seu território é apresentado em oralidade, como um lugar de boa convivência, de solidariedade, de vida comunitária, notamos como o lugar está muito associado às pessoas que o constituem, como descreve um morador:

“Eu amo essa comunidade! É um povo unido. Se um fica doente o vizinho ajuda. Eu não me adapto em outro lugar. Eu quero ficar aqui.”⁹

Podemos dizer que as narrativas e os discursos que são produzidos dentro das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia servem também como uma resposta aos discursos realizados de fora, de outros que realizam referência sobre suas comunidades, muitas vezes feito sem o conhecimento da situação e constituição da comunidade. Isto se pôde comprovar quando analisamos as reportagens sobre a construção da nova ponte do Guaíba, onde em praticamente nenhum momento tentou-se caracterizar a comunidade, ou entender seus anseios e problemas, mas sim o discurso de que as

⁹Entrevista com morador realizada em 05/06/2014.

famílias sempre estavam aguardando a remoção, e que só com a remoção haveria nova ponte.

Entendendo a cidade como uma constante produção de lugares, a mudança na construção social dos lugares também se faz presente, e com a integração dos lugares em outra lógica de cidade, as mudanças das relações sociais com o lugar e a produção de espaços também mudam. Alguns lugares ganham e outros perdem, ideia que foi trabalhada em outra escala por Milton Santos (1996) no que chamou de regiões “luminosas e opacas”. É também o entendimento de que dentro da cidade as lógicas de interesses estão sobrepostas, mas que as ações hegemônicas, possuindo dos meios de comunicação para propagação e legitimação de discursos, é que se torna, de certa forma, no senso comum de que as famílias devem ser removidas por um “bem maior”, a nova ponte do Guaíba. Com a utilização dos relatos dos moradores conseguimos informações sobre o espaço vivido da comunidade, estas informações estão impregnadas de significados, que possuem contexto apenas para as pessoas que ali vivem. Sendo então os relatos uma importante ferramenta de conhecimento das práticas e dos sentidos que aquela população possui com o seu lugar, e sabido isto, podemos apontar como um lugar diferenciado em um território. Com este tipo de informação direta, complementamos com a ideia dos hologramas espaciais de LINDÓN (2007):

“El holograma espacial sería un escenario situado en un lugar concreto y en un tiempo igualmente demarcado, con la peculiaridad de que en él están presentes otros lugares que actúan como constituyentes de ese lugar.”

As territorialidades expressas então pelas ações dos atores, bem como pelas ações que naquele lugar são desenvolvidas, constituem as variáveis que nos dão indícios e nos fornecem pistas para desvendar as geografias que ali estão escondidas, os cenários, ou ainda, a importância do território para essas comunidades. A ideia dos hologramas espaciais ressalta a importância do “cenário”, ou seja, da configuração territorial em um determinado tempo para as práticas, mas lembrando que este cenário também possui a atuação de outros lugares, as interferências externas, de que um lugar não está fechado, onde as práticas em diferentes escalas e com diferentes atores, constituem também parte e vivência daquele território.

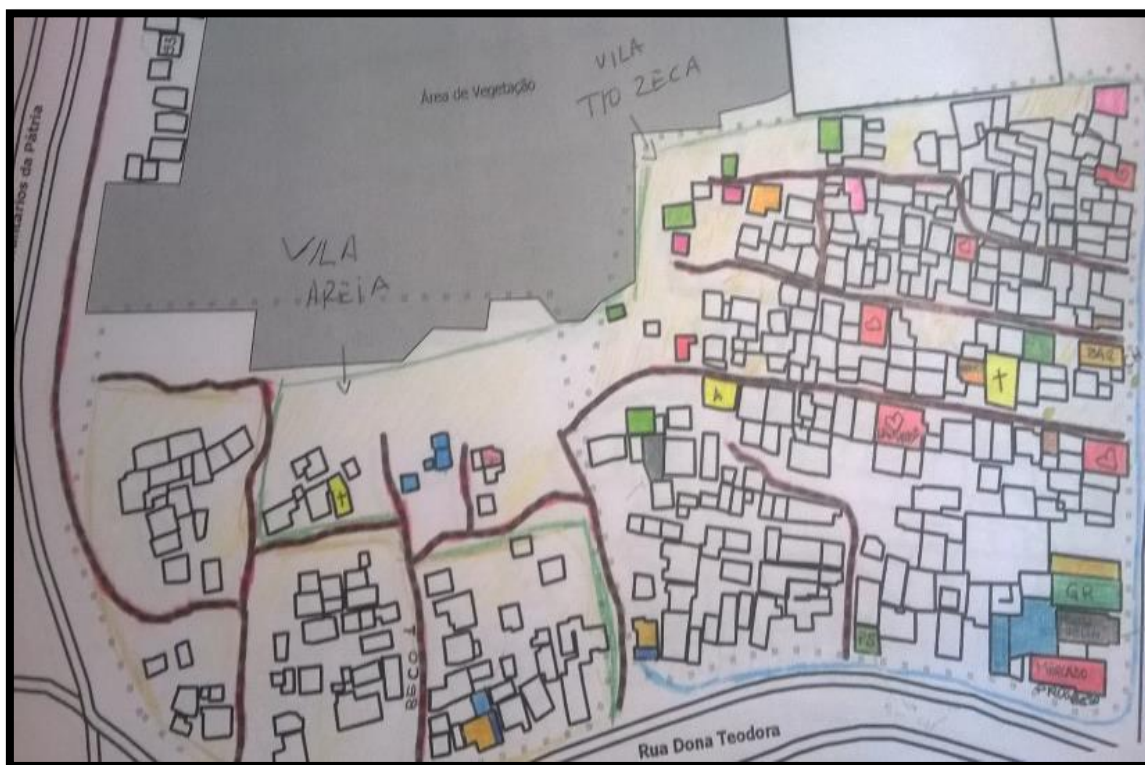
6.2 A cartografia representativa – Onde é meu lugar na cidade?

Os entendimentos das narrativas e hologramas de Alicia Lindón é uma importante complementação quando pensamos em construir uma representação do espaço vivido. A proposição inicial é que com uma representação em forma de mapa, pode-se registrar uma memória particular e de âmbito coletivo do lugar, e é, portanto, através das entrevistas narrativas que os moradores podem contar como o lugar se fez, e isso pode ser representado e preservado em uma cartografia. Diz-nos LINDÓN (2007):

“Esta construcción narrativa es posible porque el lenguaje materializa el flujo de la vida social, le da una forma y lo cristaliza en ella, aún cuando lo cotidiano sea un discurrir que nunca se detiene ni adopta formas estables, sino formas cambiantes.”.

É com essa ideia que concebemos a realização de uma cartografia, como um mapeamento de uma posição, de um momento estanque, porque são as ações que dão vida ao lugar e estas são dinâmicas e estão sempre em constante reorganização e materialização no lugar a cada momento analisado. Esta cartografia social, foi realizada em duas oficinas no ano de 2014, as reuniões ocorreram na própria comunidade, em local utilizado para as reuniões da associação de moradores. Na primeira reunião, os moradores foram provocados a falar e contar como o lugar se constituiu e como são as relações deles com o lugar. No segundo encontro, foram levados croquis da comunidade e bem como uma imagem de satélite impressa a partir do Google Earth. Cada morador recebeu um croqui e pode preencher e marcar o que considerava importante na comunidade e o que reconhecia naquele “desenho”, exemplo disso é a figura 9. Na imagem de satélite os moradores foram convidados a se aproximar, e juntos, conversarem sobre posições e localização da comunidade perante a cidade, demonstrando assim trajetos, locais de trabalho e bem como de lazer dentro da cidade de Porto Alegre. Nesta perspectiva quando da realização desta espacialização de marcas e práticas notamos um forte discurso de identidade com o lugar e de afirmação para pertencimento e permanência naquele território, que com tanto trabalho comunitário se conquistou.

Figura 9 - Marcações da comunidade na oficina de cartografia realizada em 2014.



Fonte: Dados de pesquisa, 2014.

Utilizando então as narrativas da comunidade, a construção da cartografia que se apoia no conceito de espaço social¹⁰ de Henri Lefebvre, que o vê como produto dialético de três dimensões: o concebido, o percebido e o vivido. Entendemos o concebido como a imagem dominante, pelo que se designa institucionalmente ao espaço; o percebido como a imagem subjetiva e individual do que se vive, e o vivido como o que é praticado e articulado em grupo¹¹. Como se trata de uma produção dialética, tendo em vista de que não se separam, são dimensões que se afetam, se provocam e se relacionam.

“O mapa teria ainda uma função simbólica: ele disseminaria esquemas de percepção do espaço que vão ganhando realidade à medida em que o conhecimento do território é também um meio de produção deste território.” (ACSELRAD, 2015, p. 13)

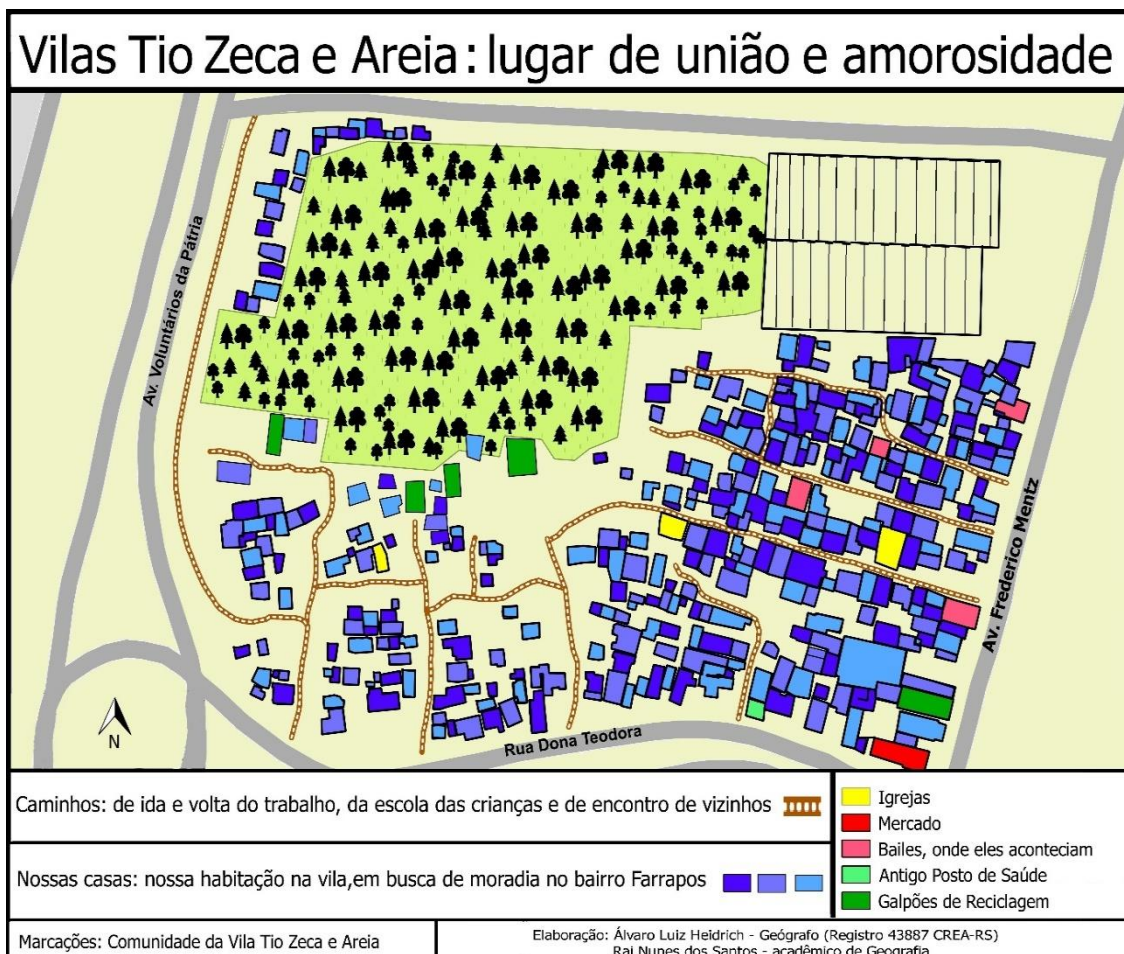
Este tipo de mapeamento permite o reconhecimento espacial por aqueles que vivem o espaço, os produtores do território. É assim que a cartografia do espaço vivido,

¹⁰ Henri Lefebvre. La producción del espacio. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974]

¹¹ Ver também estas ideias em Cristian Schmid (2012) e Blanca Velásquez (2004).

que busca enfatizar a dimensão desse aspecto não será, portanto, isolada, mas uma representação do espaço social, em diálogo com as demais dimensões, com ênfase no que se vive por meio das práticas espaciais. Assim, a cartografia gerada demonstra graficamente um instante do vivido das comunidades, que circundados e com o discurso de ser um lugar de união e de “amorosidade” demonstram a produção e existência social das comunidades.

Figura 10 – Cartografia de referência do espaço vivido.



Fonte: Elaborado por Álvaro Luiz Heidrich e Rai Nunes dos Santos, 2014.

7. ENUNCIADOS DAS VILAS TIO ZECA E AREIA

7.1 O que os discursos enunciam do lugar

O modo de se levar a vida está expresso na forma e também no estilo em que os atores se manifestam no lugar, com isso marcam e se diferenciam, mas também a partir de enunciados e discursos das práticas para fora daquele lugar, funciona como uma forma de diferenciação dos lugares. Estes enunciados e discursos não apenas marcam as diferenças entre as práticas dos atores e grupos, mas também caracterizam e assim também marcam as diferenças geográficas dos lugares em relação às associações das práticas vinculadas aos discursos. É dizer, os discursos e enunciados condicionam determinadas formas e práticas que se dão no lugar.

“A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (VOLOSHINOV, s/d, apud BRAITH e MELO, 2005).

Então admitimos que o conjunto dos enunciados reflita um padrão para os lugares, comunica no que aquele lugar é determinado e ajuda a definir padrões externos do lugar para quem não o pratica. Assim, dessa forma produz uma frequência, condiciona, ou ainda, atribui característica ao lugar para o uso ou não, dita através dos discursos a possibilidade de acesso, consumo, sensação de segurança, marcas, etc. Todavia, isto não quer dizer que este lugar seja de uso exclusivo daquilo que se enuncia, de classes sociais determinadas, mas as intencionalidades ali presentes e o que está disposto em sua representação é o que engendra os discursos dos lugares e deve ser levado em consideração e que fora dele se perderia o contexto. Ainda, estes enunciados levam a uma caracterização dos lugares e uma ideia que através dos discursos estão as relações de afetividade ou repulsão do lugar, de topofilia e de topofobia, como propôs Tuan (1980):

“A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os

sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o locus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Então a topofilia está relacionada à familiaridade com o lugar, e a tobofobia irá representar o inverso, radical fobia remete à aversão, e por isso será um lugar de medo, desprezo. Como os discursos estão impregnados de intencionalidades, dependendo do interlocutor podem transformar o lugar em um não lugar dependendo do grau de interação dos sujeitos com o mesmo. Estes termos não estão relacionados somente a constituição material, mas estende-se também ao simbólico e aos imaginários do lugar.

Utilizando as referências teóricas de enunciação e realizando a associação dos enunciados ao espaço, com os conceitos de topofilia e topofobia propostos por TUAN (1980), utilizamos as entrevistas narrativas, as conversas com os moradores da comunidade para caracterizar, o que e como se fala do lugar que se vive. Estes enunciados como proposto por BAKHTIN (1992) possuem linguagem de um ponto de vista histórico, cultural e social. Ainda dentro dessas proposições tomamos a ideia de que uma mesma frase pode ter sentidos diferentes, pois existem diferentes formas de se enunciar. É com estas proposições que apresentamos os enunciados, ou seja, as unidades de comunicação que os moradores da comunidade Vila Tio Zeca e Areia utilizam para o seu lugar e o contexto que estão inseridos.

“Na Tio Zeca tinha posto de saúde, creche, padaria, igreja. Baile do Querildo, Festa da finada Tita, Baile do Seu Aduato, Baile do Baiano (areia), Baile do Magrinho, Baile da Jerusa. Terminava todo mundo dançando.”¹²

“Eu sei que desde de manhã eu já to fazendo política de sobrevivência, tudo que tu faz é politicamente, olhando esse desenho (mapa), vejo o desenho do rosto das pessoas que moram na tio Zeca e Areia.”¹³

“Tu caminha dentro da tio Zeca como em qualquer outra vila, é o mesmo anseio, se tu não tem moradia digna, não tem um CEP, uma rua, a pessoa não comprova onde mora, não se considera cidadão. É isso, tu não existe, o anseio é igual, é ter uma moradia digna. Ter um lugar para onde voltar depois do trabalho e teus filhos da escola.”¹⁴

“Hoje notamos com os megaempreendimentos que as coisas estão andando muito rapidamente, hoje novamente a falta hoje é habitacional de pessoas que ficaram sem moradia e os compromissos que foram assumidos e não foram contemplados.”¹⁵

¹²Entrevista com morador realizada em 05/06/2014.

¹³Entrevista com moradora realizada em 05/06/2014.

¹⁴Entrevista com moradora realizada em 16/06/2014.

¹⁵Entrevista com morador realizada em 27/05/2016.

As lembranças estão presentes naqueles que habitam a comunidade há anos, observamos que as transformações que passaram em seu território, são lembranças coletivas, de situações comuns uns aos outros. Mais que isso, o lugar e o que se enuncia dele está impregnado de cotidiano, de resistência e de esperanças para conquista de moradia digna. Mesmo com tanto apego de como a comunidade se formou ou ela é, também existe um consenso em se enunciar que as obras são importantes para garantir o reassentamento das famílias em habitações com melhor infraestrutura, trazendo maior dignidade aos moradores. Não são as questões de estética que importam aos moradores, o orgulho de pertencer a uma comunidade que tem sua sobrevivência e reprodução social marcada pelas lutas, em todo um contexto de faltas, de ausências e silêncios. Então, nesses discursos, em suas falas que conseguem exprimir o que significa este lugar, que fica registrado na memória, mas que começa a dar lugar para uma melhoria na estrutura física, nas condições dos moradores.

“Se construir um edifício de 4 andares vai existir saudade da Vila. Teremos lembranças, mas isso é que vai trazer melhorias”¹⁶

“Todos se ajudam como dá. Não sabe o nome, mas sabe como a outra pessoa vive. Por isso existe união.”¹⁷

“A vila não é bonita, mas é um povo bonito.”¹⁸

Por isso, a partir das entrevistas narrativas, e com a compreensão que elas nos contam muito do lugar, bem como das relações e práticas desenvolvidas, que podemos pensar que as comunidades expressam pertencimento em relação ao lugar. Quando analisamos o conjunto do que se enuncia do lugar, observamos que as práticas estão atreladas a aquela porção de espaço, com registros espaciais, a partir disso entendemos que aqui os vários discursos enunciam um território, que se diferencia dos demais por estes enunciados das práticas que ali possuem significação no contexto.

7.2 Enunciados de quem não é do lugar

Mas quem não é do lugar, o que pode falar do mesmo? Para quem está enunciando? Estas perguntas surgem quando utilizamos estas teorias de enunciação e as transferimos para a escala espacial, social e cultural. Sabemos que em comunicação possuímos um

¹⁶Entrevista com morador realizada em 05/06/2014.

¹⁷Entrevista com morador realizada em 05/06/2014.

¹⁸Entrevista com moradora realizada em 16/06/2014.

locutor e um destinatário, o que designa-a como objeto de análise relacional. Mas, nos interessa aqui a forma como a usamos, o que torna as palavras essenciais para se entender os sentidos que se quer transmitir, as intencionalidades e isto evidencia-se nas questões de estilo de escrita e também de fala. Além disso, considerando-se que as mensagens, ou seja, a comunicação é direcionada para um determinado público, podemos dizer que os discursos além de intencionais, são condicionados.

“A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas.” Bakhtin (1997, p.290)

É a partir, então, das teorias de enunciação, ou seja, da forma com que se fala e que se apresenta o lugar e quais condicionantes de discursos utilizados que realizamos uma análise das reportagens referentes a construção da nova ponte do Guaíba e das comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia. Através das técnicas propostas na metodologia, reunimos 43 reportagens que trazem a temática da construção da nova ponte do Guaíba e das remoções das comunidades. Com isto, pudemos evidenciar as formas de enunciar o lugar de uma maneira completamente diferente de seus moradores.

Em nossa interpretação destas reportagens concluímos que em grande maioria tratam essencialmente sobre o projeto em si, seu tempo de duração e o custo para materializá-lo. Isto evidencia que para a mídia em geral, o importante é a informação técnica e de cunho político do empreendimento e só em alguns momentos se introduz a ideia de que existe uma população vivendo naquele lugar. É também visto que a mídia possui um papel balizador e de formação de opinião pública muito forte, então, com o discurso repetitivo sobre o custo e o prazo, acabam legitimando-o e tornando invisíveis as comunidades ali residentes. Na figura 11, destacamos algumas das reportagens utilizadas na pesquisa.

Figura 11- Compilado de títulos de algumas reportagens utilizadas na pesquisa.

Cenário em transformação 12/05/2015

Construção de nova ponte sobre o Guaíba avança dentro do prazo

Cronograma está sendo seguido à risca, de acordo com o Dnit, mas ainda é necessária a remoção de 998 famílias. Se nada atrapalhar, obra deve ser inaugurada em setembro de 2017

Notícias >> Geral 10/05/2016 | 07:50 | Atualização: 08:11

Obras da nova Ponte do Guaíba seguem em ritmo lento

Incerteza marca rotina de trabalho dos 300 operários que atuam na construção

Trabalhadores da obra da nova Ponte do Guaíba entram em greve

23/11/2015 | 15:36 | Atualização: 15:39

Notícias >> Geral

Atraso no repasse de verbas reduz ritmo da nova Ponte do Guaíba

Desde junho deste ano, o Dnit não pagou cerca de R\$ 73 milhões para a construtora responsável pelas obras

Por meio da assessoria de imprensa, o Dnit garantiu que o reassentamento das famílias será feito de acordo com o andamento da obra. Atualmente, os trabalhos estão em fase de fundação e ocorrem no bairro Humaitá, próximo à Rua João Moreira Maciel. Nos próximos dias, as obras começarão a ser executadas também dentro do Guaíba. Até a obra chegar à outra margem, as famílias já terão de estar realocadas. A previsão do Dnit é de que as primeiras famílias sejam reassentadas entre o final deste ano e o começo do próximo. Ainda não há definição de quais comunidades serão transferidas antes, porque é necessário aguardar a evolução dos serviços de construção da ponte. A ordem dos realojamentos só será decidida próximo da mudança. Os terrenos que receberão as famílias da Ilha Grande dos Marinheiros ficam dentro da própria ilha. Os moradores das Vilas Tio Zeca e Areia serão encaminhados para o bairro Humaitá, na Avenida Ernesto Neugebauer. A construção das moradias ocorrerá por meio do programa Minha Casa Minha Vida. A previsão é de que as casas tenham em torno de 40 metros quadrados. O processo de reassentamento é acompanhado também pela Secretaria Municipal de Habitação de Porto Alegre e Secretaria Estadual de Planejamento.

A ESTRUTURA

- A nova ponte terá 7,3km, dos quais 2,9km são de extensão da ponte - o restante são acessos e elevadas
- Orçada em R\$ 649,62 milhões, a obra tem previsão de conclusão em três anos. Os trabalhos são executados pela Queiroz Galvão e EGI Engenharia
- Cinquenta mil veículos deverão utilizar a ponte diariamente. Cada pista terá duas faixas de rolamento com acostamento

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016. Base nas notícias dos jornais Zero-Hora e Correio do Povo.¹⁹

¹⁹ Obras da nova Ponte do Guaíba seguem em ritmo lento. Jornal Correio do Povo. 10/05/2016. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/5/586655/Obras-da-nova-Ponte-do-Guaiba-seguem-em-ritmo-lento->>. Acesso em 26/05/2016.

Trabalhadores da obra da nova Ponte do Guaíba entra em greve. Jornal Correio do Povo. 20/02/2016. Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2016/2/580183/Trabalhadores-da-obra-da-nova-Ponte-do-Guaiba-entram-em-greve->>. Acesso em 26/05/2016.

Atraso no repasse de verbas reduz ritmo da nova Ponte do Guaíba. Jornal Correio do Povo. 23/11/2015 Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Geral/2015/11/572796/Atraso-no-repasse-de-verbas-reduz-ritmo-da-nova-Ponte-do-Guaiba>>. Acesso em 26/05/2016.

Construção de nova ponte sobre o Guaíba avança dentro do prazo. Jornal Zero Hora. 12/05/2015. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/05/construcao-de-nova-ponte-sobre-o-guaiba-avanca-dentro-do-prazo-4758780.html>>. Acesso em 26/05/2016.

Evolução da obra vai ditar reassentamento. Jornal Zero Hora, 10/04/2015. Disponível em <[http://www.pge.rs.gov.br/upload/zh,%20p.43\(8\).pdf](http://www.pge.rs.gov.br/upload/zh,%20p.43(8).pdf)>. Acesso em 26/05/2016.

Além de dar foco de atenção para as obras e sua evolução, as reportagens reforçam a ideia de que a obra só possui avanços com a remoção e a reassentamento das famílias. Observamos a inclinação ao enfoque de se realizar a remoção a qualquer custo, em benefício da construção da ponte. Esta condicionante, no entanto, não é fundamental para o atual estágio do empreendimento, onde as fundações e obras estruturais são a maior necessidade. O que ditaria o seu ritmo a parte de finalização da mesma, com a construção das alças de acesso.

Utilizando o *software Nvivo 10*, conseguimos realizar uma abordagem das palavras mais utilizadas nas reportagens que constituem o corpus de pesquisa, estas palavras aparecem na figura 12, a seguir, e nos indicam e reforçam o argumento de que a nova Ponte do Guaíba está associada as remoções, ao tempo de construção, e ainda destacamos que o termo *irregulares*, se repetiu 14 vezes, o que nos dá um indicativo de vincular no enunciado das remoções a alegação de que são ocupações e estão em situação de irregularidade, formulando assim um discurso legitimador ao empreendimento.

Figura 12- Nuvem de palavras gerada no software Nvivo, com as palavras mais utilizadas nas reportagens utilizadas na pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Assim, com os enunciados das entrevistas narrativas e também das reportagens veiculadas na mídia, podemos inter-relacionar as diferenças de discurso e de intencionalidade sobre o mesmo lugar, para conectar o narrativo ao geográfico, nos aproximamos da ideia de Ana Carlos (2007), de lugar e não lugar. Ressaltamos, então, que o lugar necessita de contexto e de sentido de pertencimento, e isto se evidencia nas entrevistas dos moradores das vilas Tio Zeca e Areia, pois seus discursos estão impregnados pelo uso e apropriação do espaço. Já a partir dos discursos midiáticos, e tentando nos aproximar também da ideia de Ana Carlos (2007) no que chamou de não-lugar, que é caracterizado dentro da produção espacial como um novo espaço, sem relações de pertencimento e reconhecimento, relacionamos que a repetição deste discurso como forma de legitimar/criar a compreensão na sociedade em geral que não existe apropriação daquele lugar. Quando relacionamos isto, compreendemos, então, que para as comunidades o espaço está apropriado em lugares e constituído como um território, e o não-lugar seria apenas uma paisagem de objetos, onde o objeto realiza apenas a conexão entre outros lugares. Então a partir dessa diferença dos discursos, de diferentes agentes e atores e com diferentes intencionalidades, vemos que é possível dar significado e sentido completamente distinto a uma mesma porção de espaço, legitimando ou não, com apropriação.

8. AS COMUNIDADES EM TRANSIÇÃO

8.1 A evolução da configuração espacial

A partir de nosso ponto de partida teórico, o campo da geografia social, compreendemos que os territórios estão fortemente vinculados às práticas dos atores, circundando e se apropriando de uma determinada área em um território. Mas, o significado mais difundido de território, que remete a uma porção de área bem limitada nos permite apresentar uma evolução espacial dos territórios das comunidades das vilas Tio Zeca e Areia. Ao demonstrarmos esta configuração territorial/espacial nos aproximamos de uma compreensão expressa por Claude Raffestin:

“Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato, a delimitação.” (RAFFESTIN, Claude. 1993, p.10)

Assim, como pensamos o território a partir das práticas dos atores, é com uma representatividade espacial que conseguimos demonstrar como o cotidiano e a apropriação das ações estão manifestadas espacialmente. O território como um conjunto de práticas individuais, ganha proporção de unidade quando constituído por sua força de coletividade. É com a semelhança das práticas e das ações, que somadas, conseguem dar carácter delimitador, o que marca e permite registrar o território, como uma área espacialmente posicionada e contornada, distinguindo dos demais justamente pelas práticas e ações dos atores. Em nosso estudo, a territorialidade que mais se efetiva nos discursos está na constituição da moradia, na organização das casas e das condições de habitação das comunidades.

Quando utilizamos as técnicas de representação cartográfica, isto implica realizar registro do lugar. A partir das imagens obtidas em pesquisa pudemos realizar uma aproximação de como se desenvolveu e transitou a configuração territorial, ou mais propriamente dito, o ordenamento territorial daquela área. Sendo assim, os movimentos transformadores na região através do PIEC, principalmente na alteração de traçado da Rua Dona Teodora e na remoção e reassentamento da Vila Areia ficam bem contornados nestas cartografias. A prática da ocupação e construção da moradia, remoção e reocupação não possui registro material desse movimento de transição. Os mapas oficiais, de finalidade técnica e de gestão territorial não guardam essa cartografia. Visto desse modo, eles silenciam o espaço vivido.

“Ainda que muitos fazedores de mapas não queiram enganar ou mentir, eles selecionam e organizam o espaço para servir a propósitos específicos, o que no final influencia o que vemos e pensamos (e foi pensado) sobre o espaço particular em um momento particular.” (ACSELRAD, 2015, p.63)

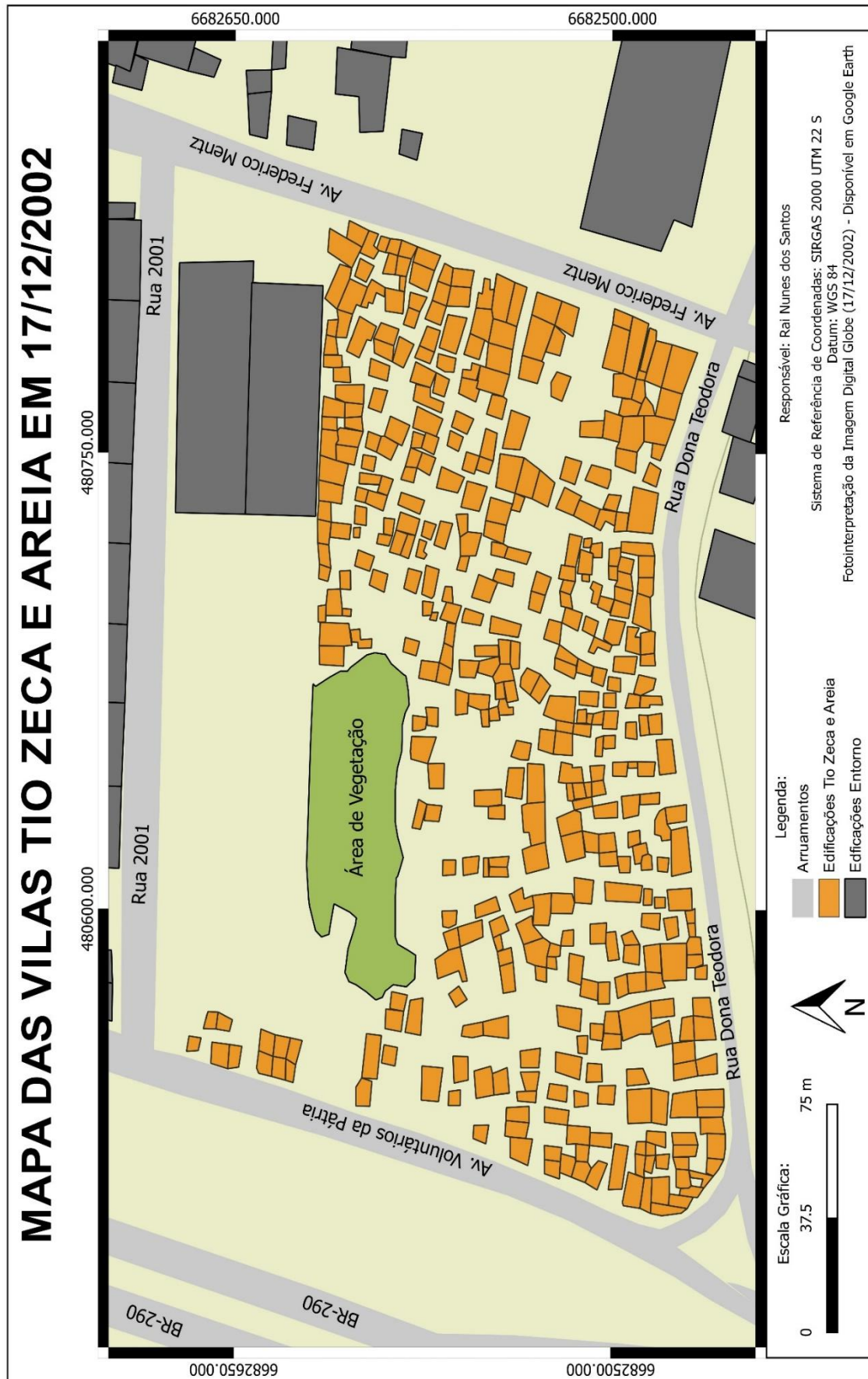
Por isso, realizamos a construção de cartografias representativas dos anos anteriores com a finalidade de registro espacial das mudanças das comunidades, com a intenção de desenvolvê-las de modo associada às narrativas dos moradores e aos enunciados propostos desta pesquisa. Espera-se, com isso, expressar as situações de memória e de vivência graficamente, mas de maneira contextualizada socialmente, e com isso conectamos este território (área geográfica) e os modos de se levar a vida daquelas comunidades.

Dentro que destacamos como territórios em transição, consideramos o fato de que as comunidades estão em tensão constante entre o dito mercado legal de terras, remoções e reassentamentos. Isto faz os territórios das comunidades Tio Zeca e Areia estarem constantemente em transformação em sua configuração, como exemplificado quando das obras do PIEC e da construção da segunda Ponte do Guaíba. Isto aproxima-se a ideia de que existem:

“zonas de indeterminação entre legal/ilegal, planejado/não planejado, formal/informal, dentro/fora do mercado, presença/ausência do Estado. Tais indeterminações são os mecanismos por meio dos quais se constrói a situação de permanente transitoriedade, a existência de um vasto território de reserva, capaz de ser capturado “no momento certo.” (ROLNIK, 2015, p. 174).

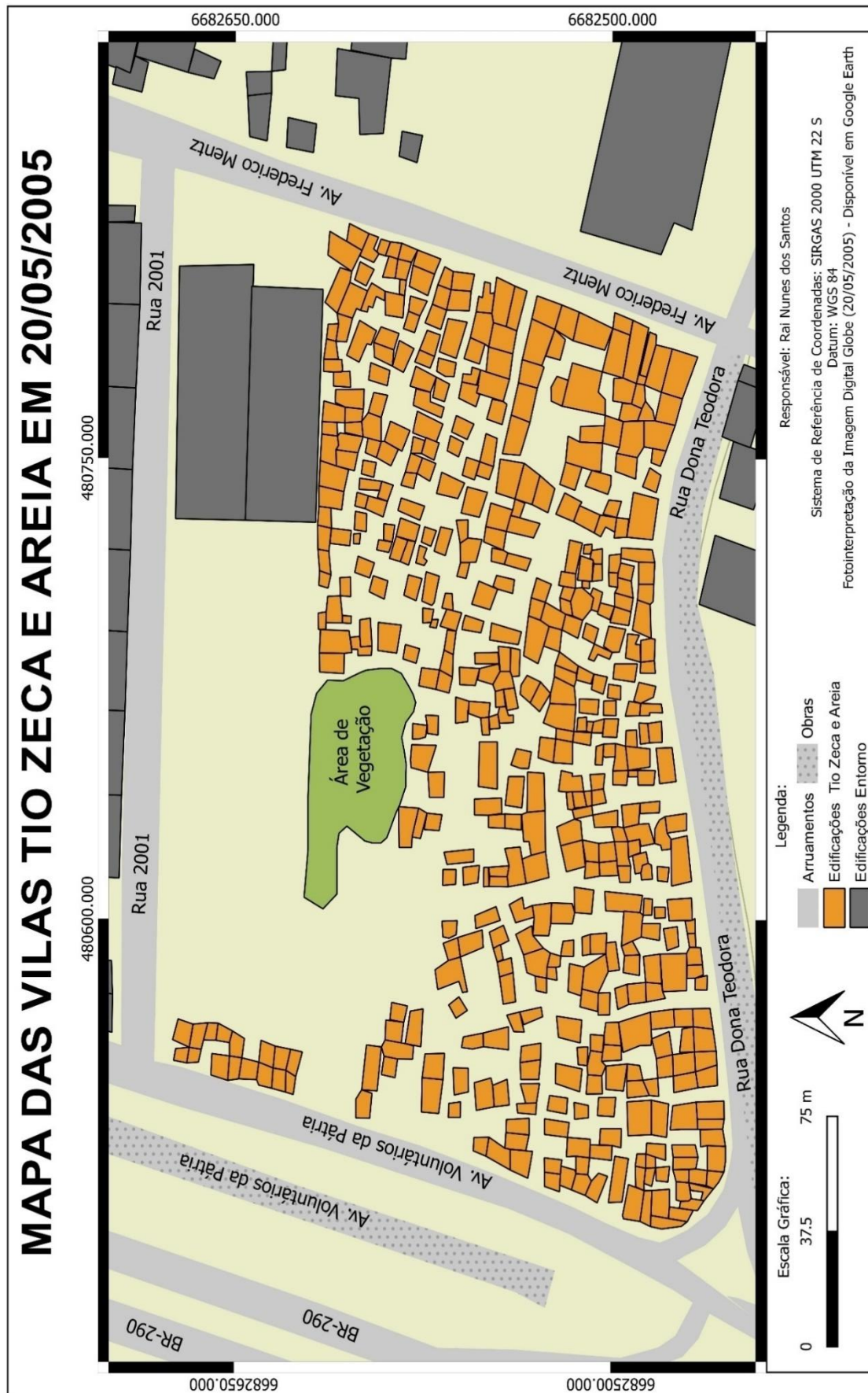
Apresentamos nas figuras 13, 14, 15 ,16 ,17 ,18 ,19, 20 e 21, esta transitoriedade em cartografias que identificam os diferentes períodos de tempo a partir da mesma perspectiva espacial, o que possibilita uma compreensão de como a comunidade está em permanente transformação e constituição.

Figura 13 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2002.



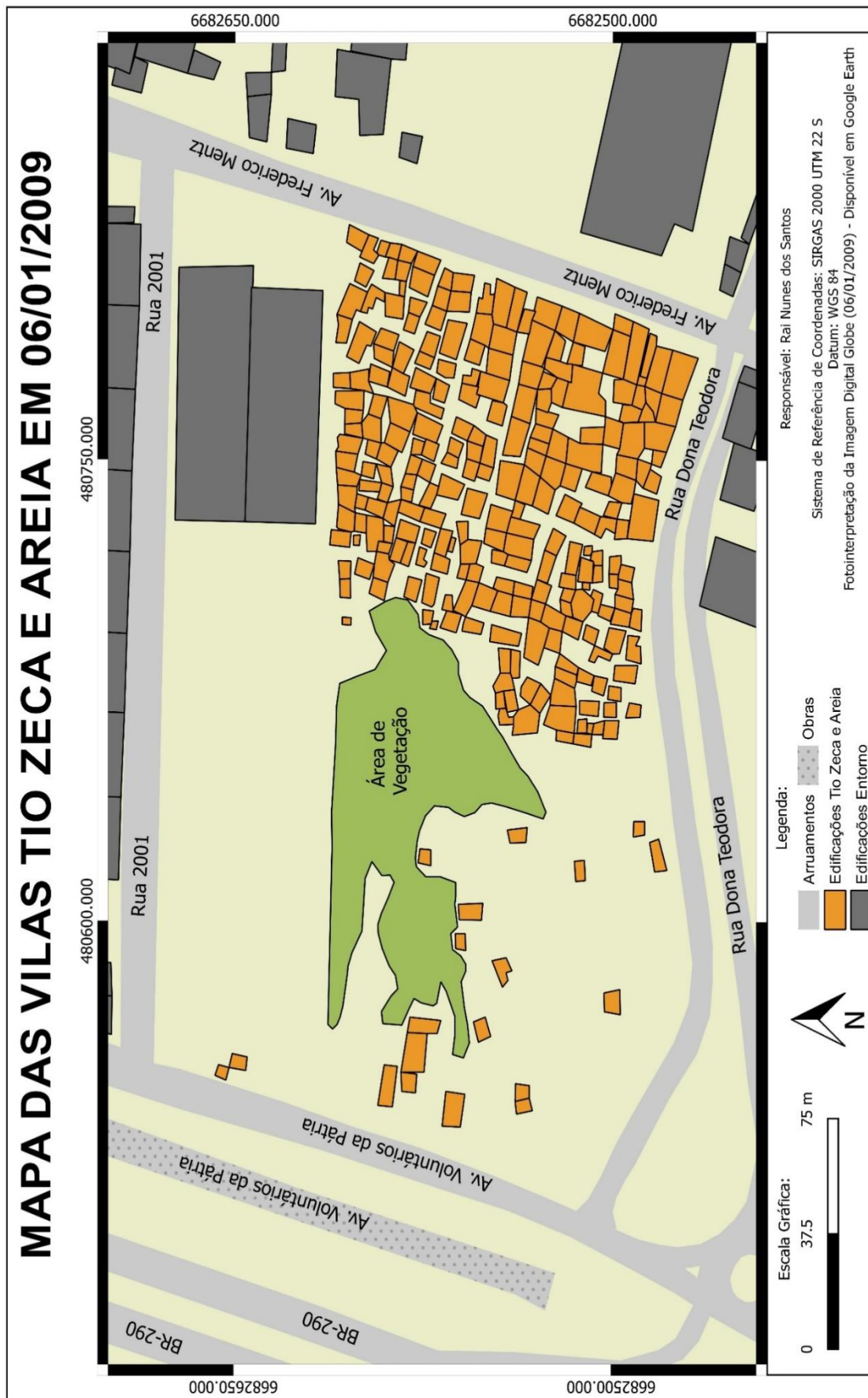
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 14 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2005.



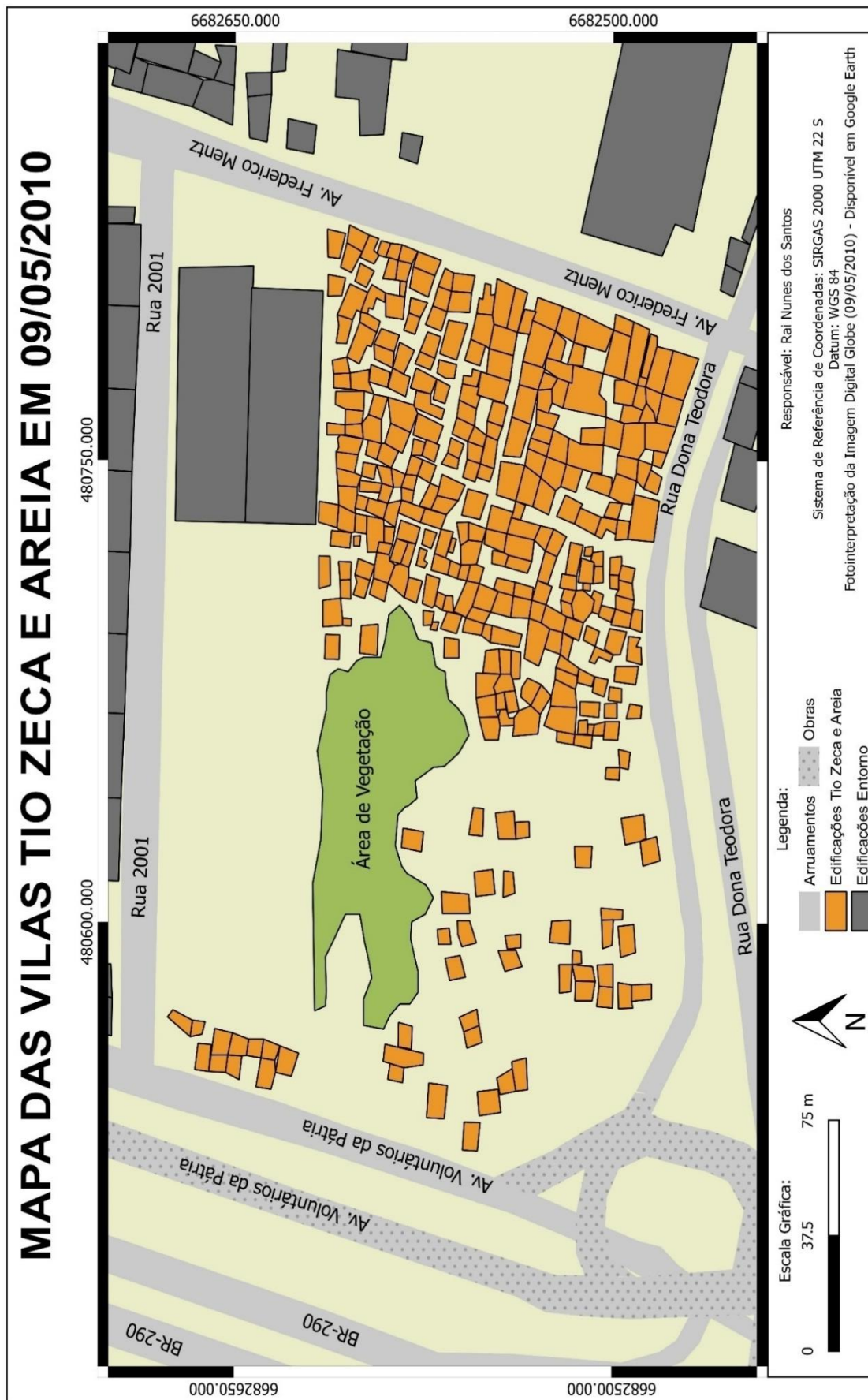
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 15- Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2009.



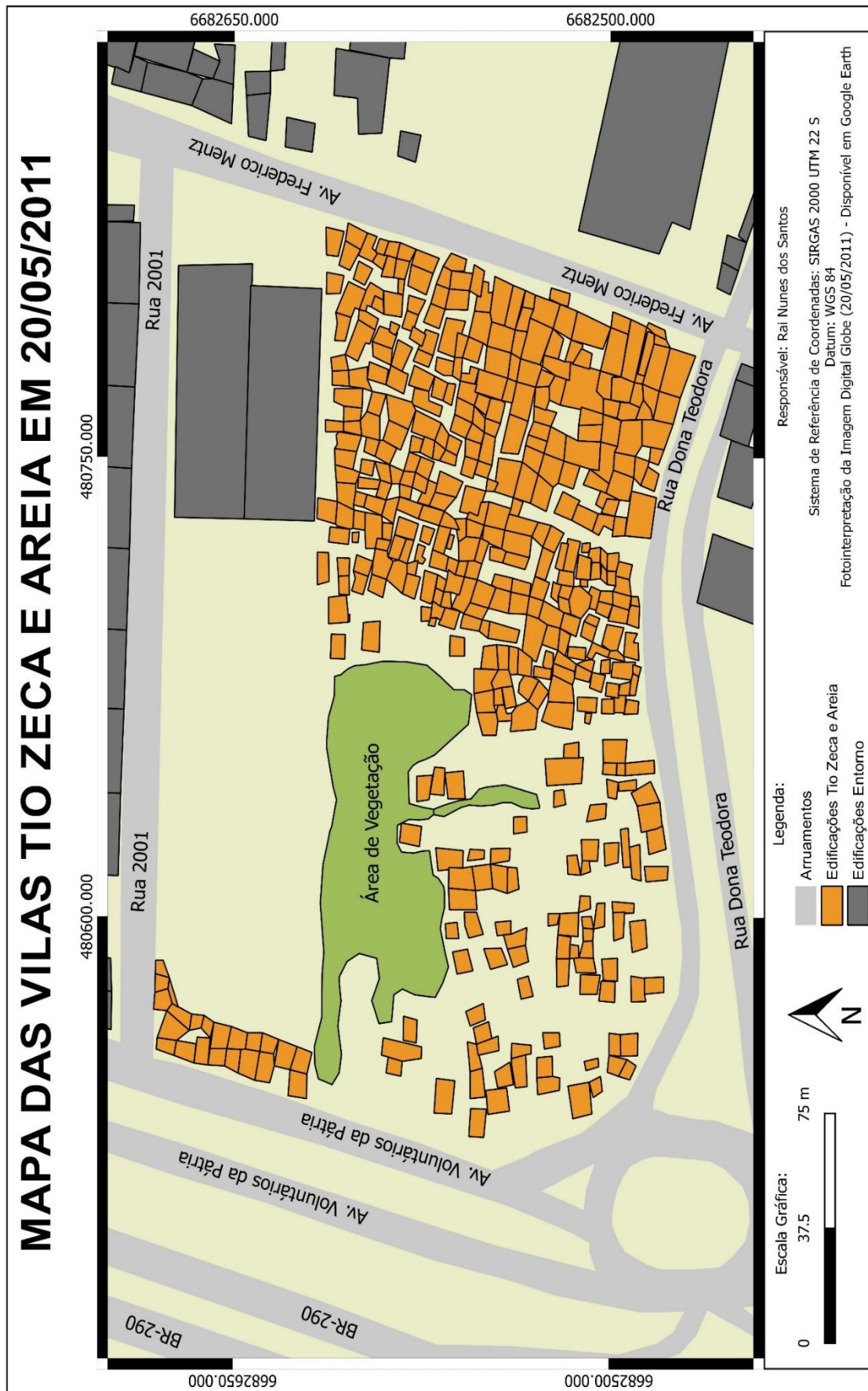
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 16 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2010.



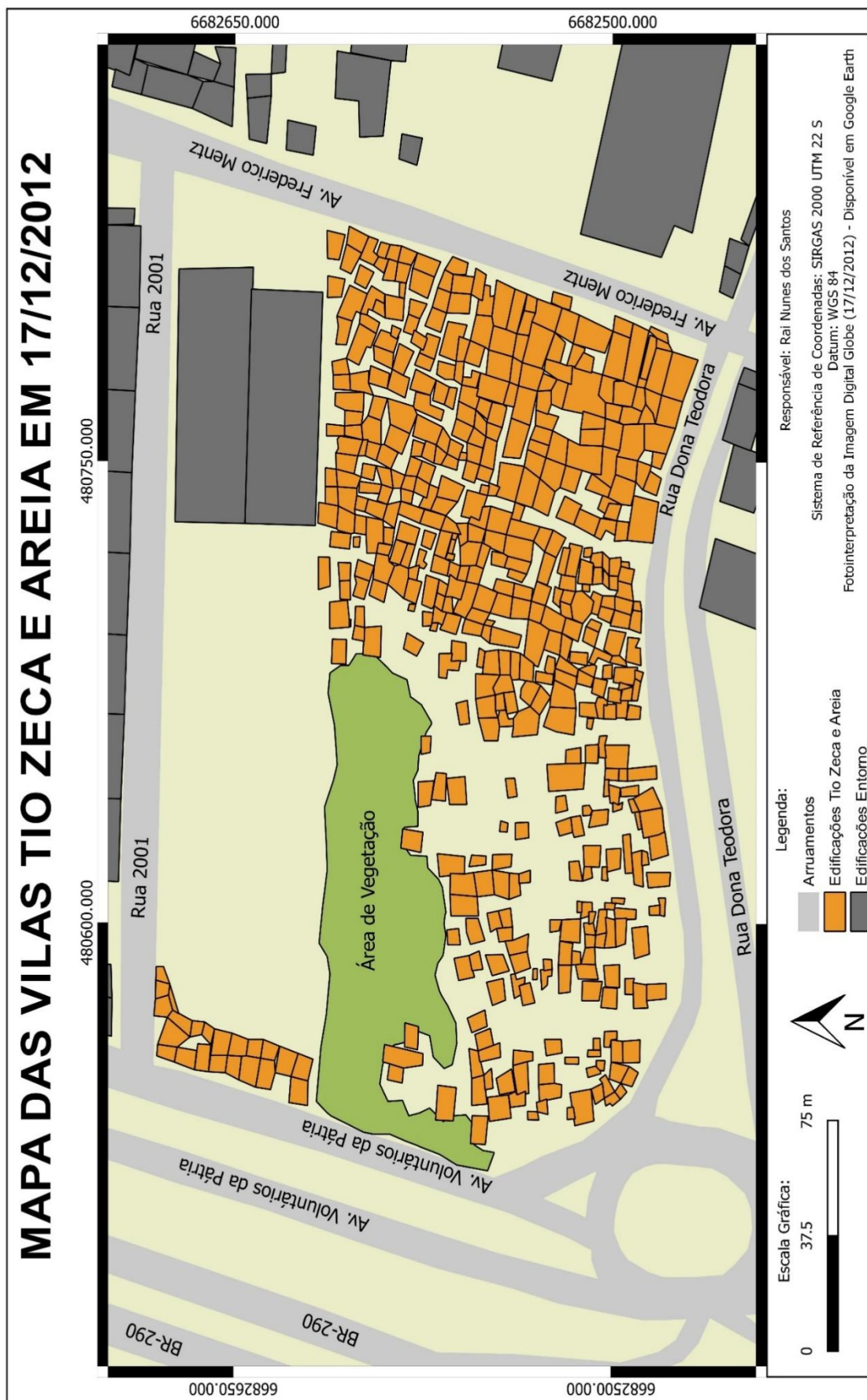
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 17 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2011.



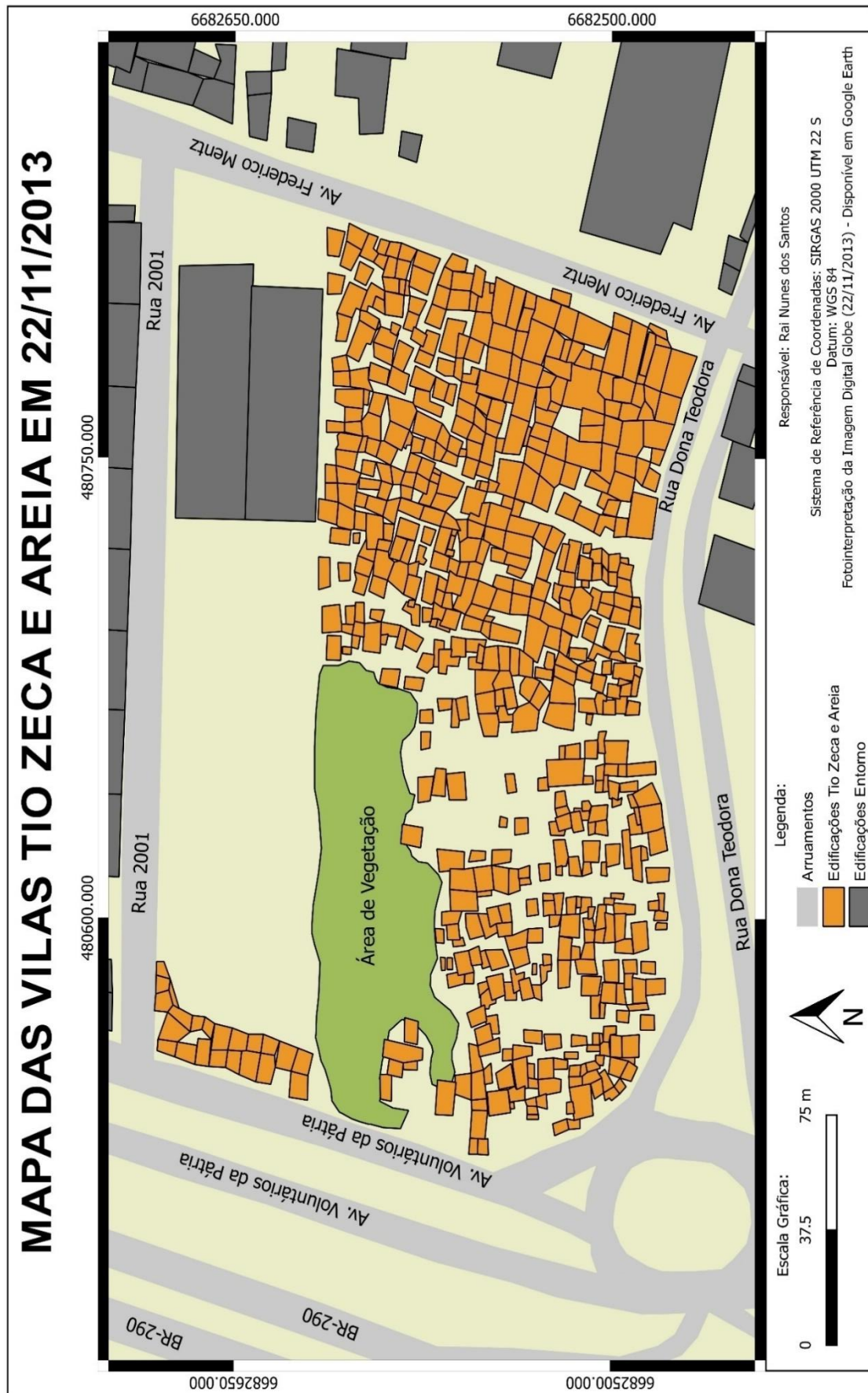
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 18 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2012.



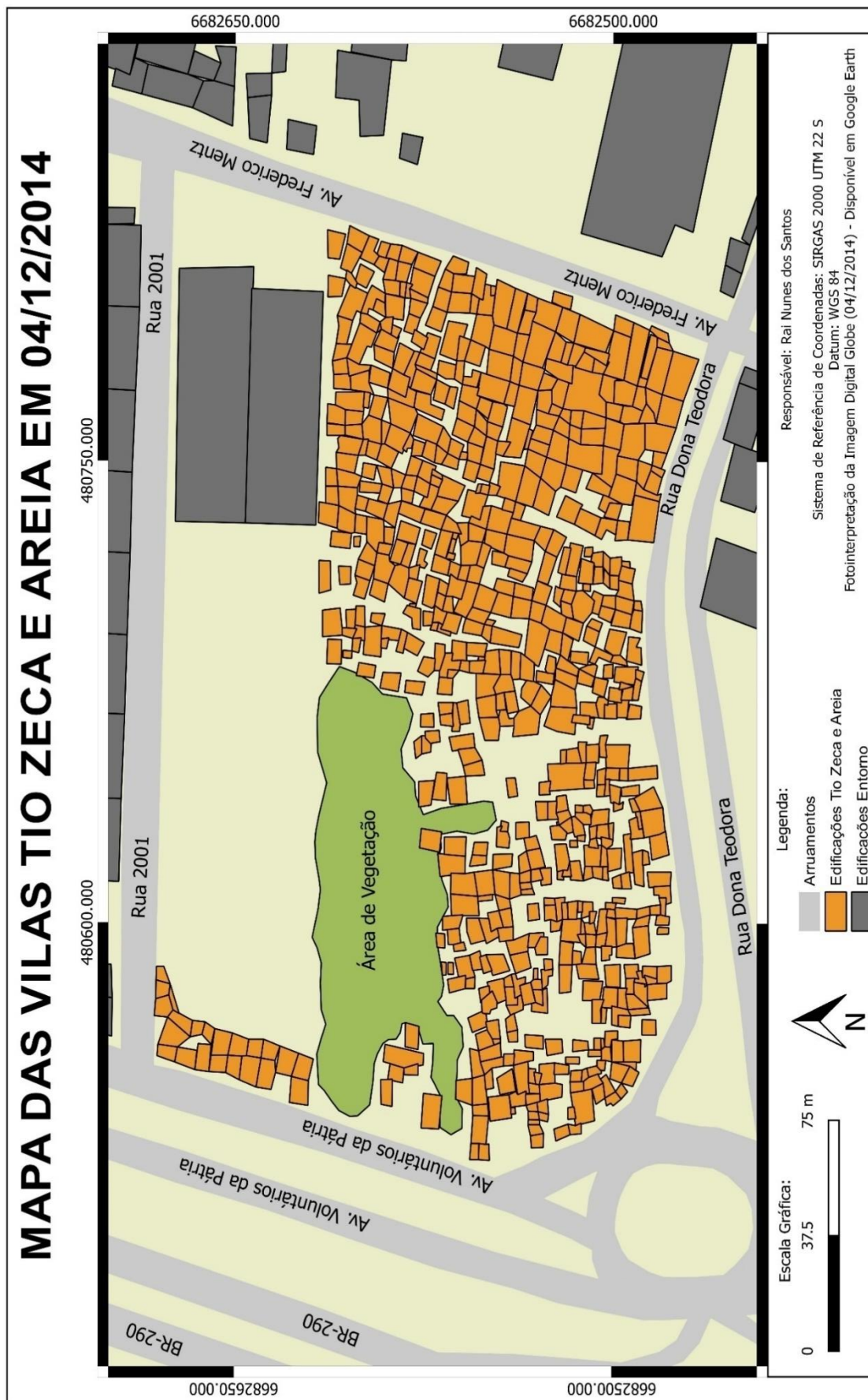
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 19 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2013.



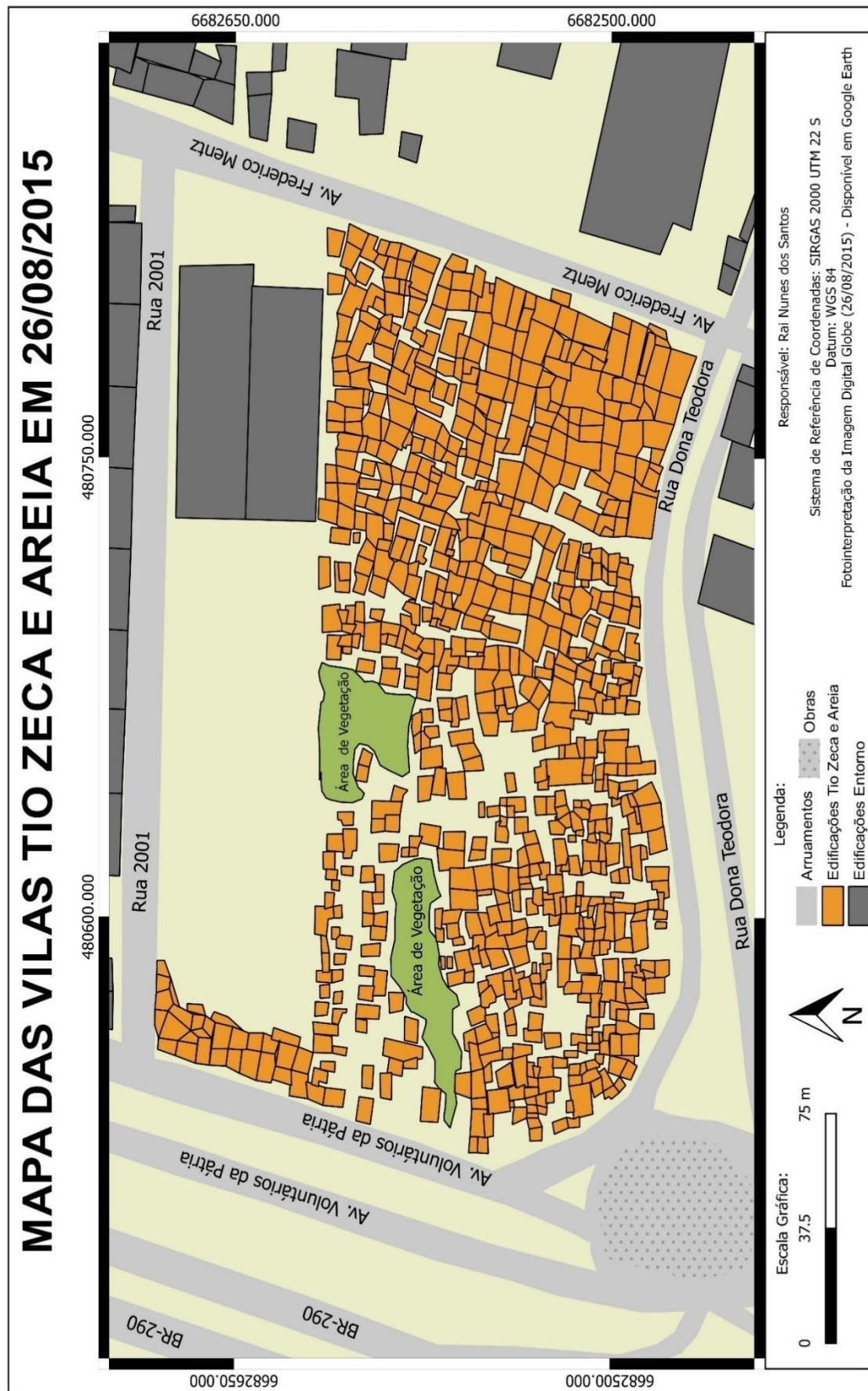
Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 20 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2014.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Figura 21 - Cartografia Representativa das Vilas Tio Zeca e Areia em 2015.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

8.2 Da transição a desestruturação

Como demonstramos, as comunidades vivem em constante modificação de seu território, mas a partir de uma nova mudança na configuração territorial do lugar, através da construção da segunda ponte do Guaíba, este processo em desterritorialização (HAESBAERT, 2004). Lembramos, porém, que o cadastramento das famílias, agora associado à construção do empreendimento, já havia sido feito em anos anteriores através do PIEC, ou seja, o requerimento do poder público da área ocupada pelas comunidades para fins de empreendimentos habitacionais ou de infraestrutura. Por isso, quando partimos do entendimento dos processos engendradores do espaço urbano, ao menos duas escalas estatais transitam dentro das comunidades, a da Prefeitura Municipal de Porto Alegre através do PIEC e agora do Governo Federal através do DNIT. Com isto, ao menos dois cadastramentos das famílias foram realizados, e isto gera dúvidas na população local em saber o que realmente está em curso na comunidade.

Figura 22 - Número de cadastros pintados em moradia.



Fonte: Fotografia realizada pelo autor em trabalho de campo, 2016.

A situação pode ser remetida à falta de alternativas para habitação na cidade de Porto Alegre, e que a ocupação destas áreas pelas comunidades está dá-se como

estratégia para garantir o direito à moradia e o direito à cidade²⁰. Ao mesmo tempo, a partir dos planos de urbanização e revitalização da área em evidência, notamos que o Estado cumpre o papel de integrar a região ao sistema produtivo e econômico, na tentativa de sobrepor, através de obras de infraestrutura, o que ali estava estabelecido, gerando um processo de reestruturação, para produzir-se agora um novo lugar de competitividade dentro do sistema econômico, como David Harvey (2012) chamou de “destruição criativa “onde as classes sociais mais pobres sofrem com o processo, uma violência “necessária” para construir um novo mundo urbano sobre os escombros do velho.

A estratégia de sobrevivência da comunidade, na busca do seu direito à cidade encontra-se naquela unidade espacial configurada. Isto fica evidente quando notamos que as Vilas Tio Zeca e Areia estão agrupadas na Associação de Moradores da Vila Tio Zeca e Areia (AMOZECA). Por se tratar de dois projetos de remoção e reassentamento distintos para a mesma região, o PIEC e a segunda Ponte do Guaíba, a indefinição e insegurança dos moradores se ameniza, quando formam um grupo único, onde podem fortalecer seus discursos e reivindicações. Isto deve-se ao fato de que numa primeira remoção da Vila Areia através do PIEC, nem todas as famílias foram removidas, e a área das remoções voltou a ser ocupada. Estes processos que envolvem desestruturação da comunidade e a incerteza de conquista de habitação na região estão presentes no cotidiano da comunidade. Com isso, muitos se habituam aos procedimentos oferecidos pelo poder público, como o aluguel social²¹ e a casa de passagem²². Também notamos que estas ofertas do poder público produzem a desmobilização da comunidade, quando, por exemplo, do pagamento de um aluguel social, o morador sai da comunidade, oferecendo ao grupo uma sensação de esvaziamento e a perda da unidade comunitária.

Estes processos de ocupação, constituição, remoção e a volta de ocupação dão ao lugar um sentido de transitoriedade, em questão de que está sempre em construção e modificação. As particularidades dos processos observados são únicos no tempo e no espaço, mas estão ligados a exclusão do mercado formal de terras e bem como a

²⁰ Lefebvre, Henri. O Direito à Cidade. São Paulo, Centauro, 2006.

²¹ Aluguel social é um recurso assistencial mensal destinado a atender, em caráter de urgência, famílias que se encontram sem moradia. É um subsídio concedido por seis meses. A família beneficiada recebe uma quantia equivalente ao custo de um aluguel popular. Disponível em <www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_secao=116> Acesso em 02/06/2016.

²² O Departamento Municipal de Habitação (DEM HAB) constrói moradias provisórias, em caráter coletivo, para viabilizar obras de reassentamento que ocorrem no mesmo local da ocupação. Disponível em <www2.portoalegre.rs.gov.br/demhab/default.php?p_secao=116> Acesso em 02/06/2016.

constante ausência do Estado. Por isso, achamos apropriado demonstrar que este território está constantemente tensionado e em construção, por isso, um território em transição.

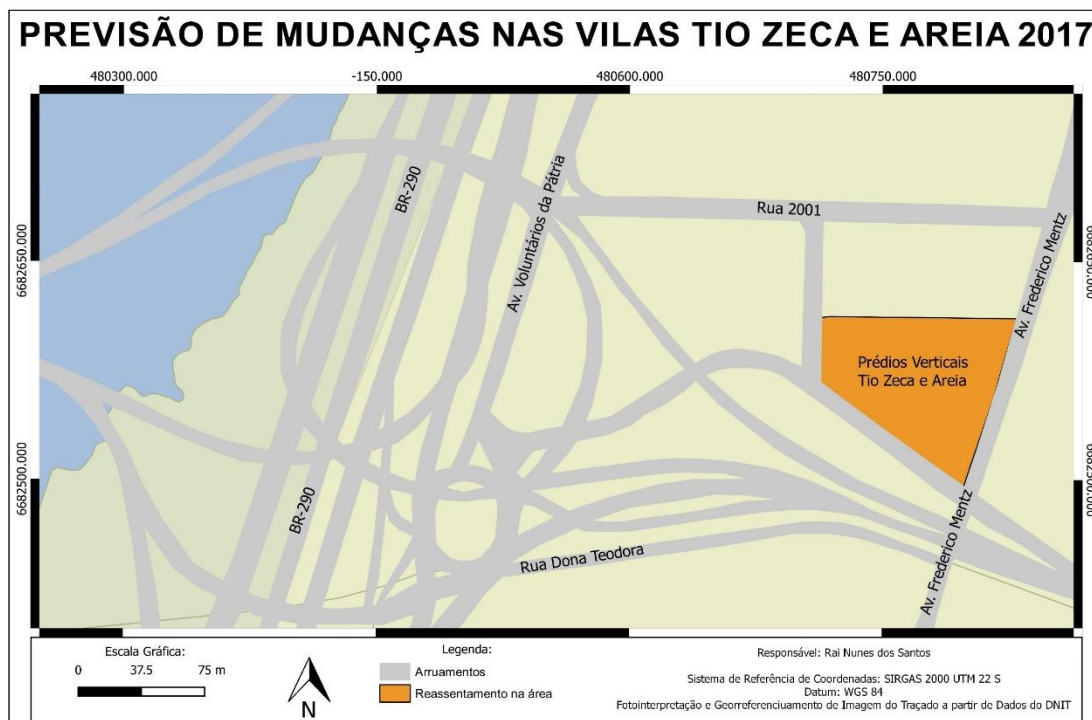
Figura 23- Casa de passagem do DEMHAB na Av. Frederico Mentz 857.



Fonte: Fotografia realizada pelo autor em trabalho de campo, 2016.

Visualizamos e identificamos o sentido de pertencimento a este território. Por outro lado, na articulação das ideias, podemos perceber que a territorialidade é também estratégia de mobilização por moradia na cidade. Mas, além disso, identifica-se a vinculação com as áreas circundantes ao território das comunidades, por todas as questões referentes a sua reprodução social, notadamente quando se veicula a informação de que uma reterritorialização é possível, sem grandes perdas identitárias, à medida que ocorra em área próxima à atual. Por pressão dos moradores, existem para as vilas Tio Zeca e Areia dois projetos de reassentamento, um com a construção de casas horizontais em área próxima (Av. Ernesto Neugebauer) e outra de verticalização na própria área hoje ocupada pela comunidade, mais próximo a Av. Frederico Mentz e antes das alças de acesso da nova ponte.

Figura 24 - Previsão para 2017 de configuração da territorial da atual área das Vilas Tio Zeca e Areia.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

8.3 Importância do território para as comunidades

Devemos então pensar a questão da territorialidade como as diferentes formas de apropriação do espaço urbano, porque são diferentes os atores sociais e suas práticas. SACK (2011) também propõe que as territorialidades são expressão geográfica, onde a sociedade e espaço estão inter-relacionados e que, então, as mudanças das territorialidades são a chave para entendimento das mudanças das relações sociais no espaço e tempo. No espaço urbano as dinâmicas por sua disputa são intensas e, por envolver a multiplicidade de uso que essa espacialidade contém, podem estar envolvidas sobreposições de territorialidades. Se for impossível sua coexistência, teríamos então um conflito territorial.

“Pode-se dizer, então, que distintas territorialidades podem coexistir, desde que não se pretenda a mesma coisa com elas. Por exemplo, coexiste uma identidade nacional com uma identidade regional. Ambas são identidades referenciadas no território, mas não são territórios que conflitam; um está contido no outro. Quando, porém, há disputa de áreas e o que elas contém, ou seja, quando a finalidade da territorialidade buscada é a mesma, há necessidade de solucionar um conflito.” (HEIDRICH & HEIDRICH, 2010, p.129).

A partir de nossa proposição inicial, partimos da ideia que a comunidade está vinculada ao seu território e que a perda do mesmo, leva a um processo de desterritorialização (HAESBAERT, 2004). Observamos que na vinculação ao território, a partir das conversas e entrevistas com os moradores, estavam observadas as referências de que aquele lugar era de pertencimento da comunidade, e que eles ali deveriam permanecer. Ao mesmo tempo que isso se manifestava, também ficou explicitado pelos moradores que a partir da obra de construção da segunda Ponte do Guaíba, é que a comunidade passou a ter uma maior visibilidade para o ganho de habitação digna. Admitem que a obra beneficia e acelera o processo de reassentamento e ganho de habitação e moradia digna. Mas o pertencimento ao local, vai desde as falas de que se orgulham em carregar “barro nos pés” da comunidade, até de que, aquele é um lugar que acolhe a todos que necessitam um lugar para viver.

“Para quem tem toda a vida aqui assentada, mudar, vai mudar toda a estrutura. Tudo muda. Ficar aqui ao redor é o melhor para todos.”²³

Entendemos que as transformações territoriais decorrem das práticas e ações dos diferentes atores e em diferentes escalas. O termo desterritorialização aparece dentro de nossas entrevistas com as comunidades como o termo de desestruturação, pois quando se reportavam a isto referiam-se à perda das relações sociais, da vizinhança, da proximidade do trabalho e de um pertencimento ao Bairro Farrapos. A desestruturação também foi observada nas questões referentes a desmobilização da comunidade, a partir do poder público, com os processos de remoções e assentamentos em inconstante conclusão. Assim, pensamos que as comunidades das Vilas Tio Zeca e Areia possuem uma vinculação ao território que habitam, tanto pelo cotidiano dos atores no lugar, como pelas relações com o espaço de seu entorno. Contudo, é a partir desse processo de perda territorial, que se associam dois entendimentos também discutidos por Haesbaert, os de reterritorialização que seria a forma de como essa comunidade, população, se estabelecerá em outro território e bem como no mesmo local, com a construção de conjuntos residenciais verticalizados, e o de multiterritorialidade, compreendido na capacidade de transitar e relacionar-se com mais de um território.

²³ Entrevista com morador realizada em 27/05/2016.

O processo de reassentamento em casas do Programa Minha Casa Minha Vida, está previsto para acontecer em uma nova área na Av. Ernesto Neugebauer, observamos que a mesma pertence ao bairro Humaitá, o que vai de contraponto com o sentido de pertencimento ao bairro Farrapos explicitado pelos moradores. Mas esse sentido, em diversas ocasiões é expandido para a região como um todo (mesmo não sendo explicitado nas falas), mas é notado na cartografia de referências espaciais, que toda a região dos bairros Farrapos, Navegantes, Humaitá e Anchieta são áreas que os moradores transitam e de reconhecimento espacial, explicita-se nisso uma multiterritorialidade, a capacidade de transitar nestes territórios, mas que é limitada a região.

A articulação teórica, então, é que entendemos que as ações se diferenciam a partir do lugar que acontecem, e partir disso demonstramos as características singulares que os territórios adquirem e suas condicionantes para que as práticas espaciais e de reprodução social se manifestem ali. Também trazendo o entendimento de que os territórios possuem suas especificidades e para reforçar que as questões quanto ao uso e apropriações do território pelas comunidades, somamos a ideia de MASSEY (2008) que é pelo uso e apropriação do lugar que o sentimento de identidade se estabelece, isto associamos diretamente ao pertencimento tanto nas relações de reprodução social das comunidades quanto nas relações espaciais.

“toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias novas quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.” (HAESBAERT, p. 172, 1999).

Os territórios se diferenciam uns dos outros através do uso, onde então podemos ter múltiplas territorialidades no mesmo território, pois os atores podem ter diferentes formas de uso e interação com o mesmo, cada experiência territorial é única. A transformação do espaço em território, é dizer também, uma apropriação de espaço em um habitat. O que designa determinadas formas de reprodução social e práticas que se dão muito entrelaçadas com território, com o que é possível realizar naquele lugar. Como a sociedade é diferenciada, é de se pensar que sejam diferentes as formas que o território seja utilizado (SACK, 1996, RAFFESTIN, 1988). Estas questões de importância e apropriação do território, bem como um forte entrelaçamento foi definido como termo de vínculos territoriais, onde:

(...) resultantes das ações ou práticas sociais de condução e representação da vida. Dependem, portanto, de uma relação com as externalidades, com os vários âmbitos de integração socioespacial, que nos diz sobre a sujeição a tais, que implique desterritorialização e reterritorialização dominantes, ou construção de territorialidades autocentradas (HEIDRICH & CARVALHO, 2001; HEIDRICH, 2006, p. 42).

É por isso que relacionamos a dependência das comunidades em seu estado atual àquele território, pois é território de múltiplos lugares, apropriados e utilizados de diferentes formas, mas que coesos formam um território único. As relações sociais ali estabelecidas demonstram que os moradores possuem suas relações com o espaço circundante, tanto em termos de sua reprodução social, quanto em termos de imaginários constituídos. Por isso, é necessário observar que as relações de trabalho dos moradores estão muito conectadas com as empresas da região, bem como a proximidade com os serviços básicos oferecidos e a capacidade de reconhecimento e deslocamento espacial até os mesmos. Em termos de imaginários, a dependência de estar no lugar, que como foi relatado, teve na sua constituição “muita luta e muito suor” e que algumas vezes outras gerações da família também habitaram, e tudo isto relacionado com a busca de ter uma residência, um local para voltar depois do trabalho ou da escola das crianças. Destacamos assim, que a configuração atual é resultado de todas as ações que se moldaram na constituição desse território, deixando a comunidade vinculada ao mesmo.

Compreendemos que “por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através de práticas sociais, é que se produz território, que se constitui uma territorialidade” (HEIDRICH, 2006, p. 27). A reprodução social está vinculada ao território, desde ao tipo de construção existente, ao acesso a cidade e ao emprego, por sua distância e bem como os sentimentos de vizinhança, pertencimento e acolhimento. Esses entrelaçamentos ao território se dão tanto na escala do indivíduo, quanto como comunidade ou grupo, pois se conectam espacialmente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, buscamos apresentar como a comunidade das vilas Tio Zeca e Areia, estão vinculadas ao seu território, ao seu lugar na cidade. Isto ficou evidenciado nas falas dos próprios moradores, que demonstram suas relações de pertencimento com o lugar e bem como a forma de inserção na cidade.

Nossa proposta metodológica realizou um diálogo constituído nas articulações do teórico e do empírico, onde realizamos conexões e discussões no campo da geografia social. A metodologia proposta buscou ferramentas de sustentação para a hipótese inicial e que está trabalhada no desenvolvimento do texto, de que as mudanças territoriais ocasionadas pela construção da segunda Ponte do Guaíba, transformaram as relações territoriais das comunidades evidenciadas. Para esta constatação, utilizamos as técnicas de observações de campo e registro de lugar, através diário de campo e das entrevistas narrativas. Após este procedimento e de forma que pudéssemos realizar uma contraposição e discussão de como o lugar se apresenta, separamos e organizamos mídias que também discursam sobre o lugar, o que foi uma importante ferramenta, na qual pudemos notar como é possível diferentes formas de enunciar um mesmo lugar e legitimar ou não determinadas práticas. Dentre os procedimentos executados, destacamos que com este trabalho realizamos o registro de das situações vividas pelas comunidades Tio Zeca e Areia, que em sua trajetória, possuem seu território tensionado e desestruturado no decorrer de sua constituição em distintos momentos e contextos de cidade. Para isso, também foi necessário registrar cartograficamente a comunidade, demonstrando sua inserção na cidade de Porto Alegre e também na escala do lugar com variáveis de tempo diferentes, onde demonstramos espacialmente esta transição. Com estes procedimentos fortalecemos as ideias de importância do território para as comunidades, e de como isto se relaciona na forma de acesso à terra e a moradia dentro da cidade.

Observamos também que as entrevistas narrativas enunciam para as comunidades, o lugar, e que este está impregnado pelo uso e pertencimento. A partir dessas entrevistas pudemos observar a relação direta dos moradores junto ao seu território, é o seu lugar na cidade. Os discursos e reportagens midiáticas nos demonstraram um não-lugar, apenas objeto material que representa a construção da nova ponte, onde a importância está propriamente na obra, nos atrasos, e nos custos, ou

ainda, quem ela irá beneficiar. Por isso, a tarefa desse texto também é a de dar visibilidade e registrar as situações sociais das comunidades Vilas Tio Zeca e Areia.

Constatamos que as formas de utilização do espaço urbano são múltiplas e possuem um tensionamento na disputa da terra urbana, na disputa dos agentes, e bem como nas disputadas de poder nas diferentes escalas. As novas formas espaciais e com a expansão da urbanização para as áreas periféricas da cidade, somado ao incremento da utilização dos veículos, pretende transformar o lugar que hoje está apropriado pela comunidade em apenas mais uma via de passagem. A nova Ponte do Guaíba se apresenta como objeto de ligação entre outros lugares, mas não é propriamente um lugar.

Os processos de desestruturação da comunidade, a partir da remoção para construção da nova ponte ficaram constatados, mas é também interessante a discussão que os moradores compreendem que o empreendimento é uma oportunidade de melhorar suas condições de vida e de habitação. Por isso, ao mesmo tempo em que possuem um discurso de apego com o lugar, possuem o sentimento de que é a partir desse momento que podem ter um processo de reterritorialização, em condições mais dignas, com as novas habitações que o empreendimento se propõe a instalar, junto ao programa Minha Casa Minha Vida. É com a garantia de que os moradores mais antigos serão reassentados em uma nova área, na forma de condomínio de casas horizontais, em uma área próxima e que ainda existe um projeto de verticalização, prédios residenciais, que garantirão acesso aos moradores mais recentes a habitação, que os moradores enxergam o empreendimento como um outro tipo de ponte, uma ponte para a conquista da moradia e habitação. Se estes processos de remoção (desterritorialização) e reassentamento (reterritorialização) irão acontecer como previsto, não podemos afirmar. O que já se manifesta é que a comunidade como vivenciada em campo e registrada neste texto está em uma nova transição, ou seja, já está passando por um processo de mudança, de desestruturação, e de que forma ela existirá daqui para adiante ainda é uma incógnita.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. (Org.). **Cartografias sociais, terra e território. Um guia de leitura.** Rio de Janeiro: ETTERN/IPPUR, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal.** Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BEAUJEU-GARNIER, J. **La géographie: méthodes et perspectives.** Paris: Masson, Coll. de géographie Appliquée, 1971.

BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chave.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BONNEMAISON, J. **La géographie culturelle.** Paris: Éditions du C.T.H.S., 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTTNER, A. **Hogar, campo de movimiento y sentido del Lugar.** In: **Teoria y método em la geografia anglosajona.** Maria Dolores Garcia Ramón (org.), Barcelona, Ariel, 1985. p. 227-241.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** 1º ed. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CHORLEY, R.; e HAGGETT, P. As estruturas internas da cidade. In: CHORLEY, R. e HAGGETT, P. **Modelos sócios-econômicos em geografia.** Rio de Janeiro: Coordenação Editorial/, p.154-175, 1975.

CLAVAL, Paul. **O território na transição da pós-modernidade.** In: Geographia, vol 1, nº2, 1999, P. 7-26.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana.** São Paulo: Editora Ática, 1989.

DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L' espace social. Lecture géographique dès sociétés.** Paris: Armand Colin, 2007.

FORTUNA, Carlos. **Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico.** Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 63, p. 123-148, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Identidades territoriais. In **Manifestações da Cultura no Espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **Regional-global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção.** 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **The condition of post modernity na enquiry in to the origins of cultural change.** Oxford: Blackwell, 2012.

HEIDRICH, A. L. **Aspectos de fratura socioespacial na cidade de Porto Alegre.** In: Scripta nova. Revista Eletrônica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona. Vol XI, nº 245 (67), 2007.

_____. “Territorialidades de exclusão e inclusão social”, In: REGO, N.; MOLL, J.; AIGNER, C. (Orgs.) **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 21-44.

HEIDRICH, A. L. ; HEIDRICH B. B. Reflexões sobre o estudo do território. In: Marísia Buitoni. (org.). **Explorando o ensino.** 1ed. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010, v. 22, p. 113-136.

HEIDRICH, A. L. ; CARVALHO, O. A. de . **“Territorialidades de exclusão e inclusão social: relações da sociedade com o espaço em situações de pobreza e de**

construção de vida econômica e de consciência”. In: VIII Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2001, Santiago. VIII Encuentro de Geógrafos de América Latina. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2001. v. 1. p. 74-80.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008 [1968].

LINDÓN, Alicia. Narrativas autobiográficas, memoria y mitos: una aproximación a la acción social. In: **Economía, Sociedad y Territorio**, vol. II, n. 6, 1999, p. 295-310.

_____. **La construcción social de paisajes invisibles y del miedo**. En J. Nogué (Ed.), **La construcción social del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, Colección Teoría y Paisaje. 2007, p. 213-236.

MARICATO, Erminia. Autoconstrução, a arquitetura possível. In: MARICATO, E. (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

MARICATO, Erminia [et al.] **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINS, José de Souza. **A socialidade do homem simples. Cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORAES, Aldovan de Oliveira. **Mapa da irregularidade fundiária**. Porto Alegre, Demhab, 2000.

MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra- espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: Santos, Milton et al. **Território, territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RODRIGUES, Arlete. M. **Moradia nas cidades brasileiras**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

SACK, Robert D. **O significado de territorialidade. In Territorialidades Humanas e Redes Sociais**. Leila Christina Dias & Maristela Ferrari (org.), Florianópolis: Insular, 2011.

_____. **Human Territoriality. Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012 [1996].

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012 [1973].

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VELÁSQUEZ, Blanca R. R. **Lefebvre y la producción del espacio. Sus aportaciones a los debates contemporâneos**. Universidad Autónoma Metropolitana, Xochimilco, Distrito Federal. México, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora da UnB, 2004.